

PQ

9261

V5B6

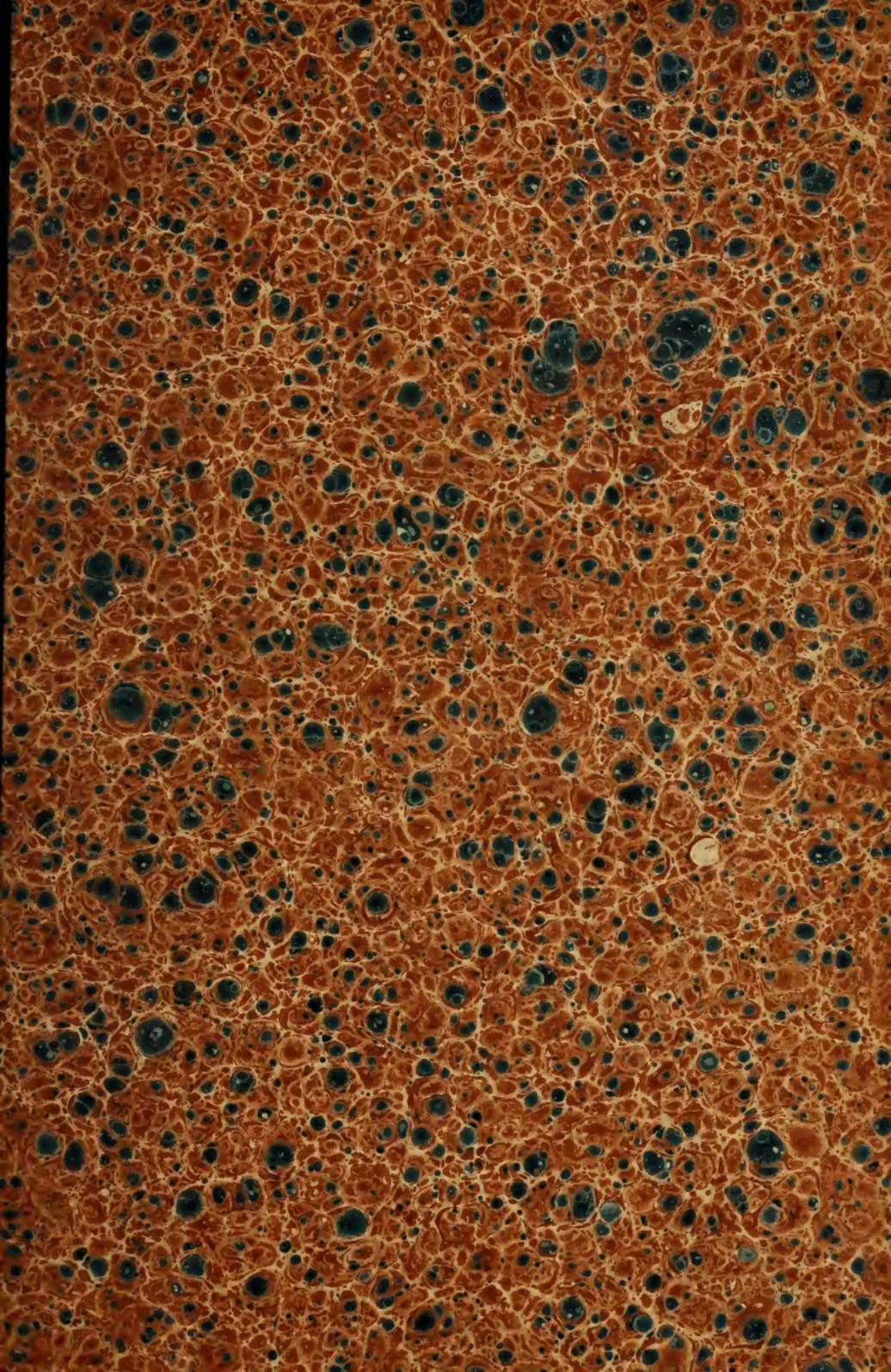
1856



Class PQ9261

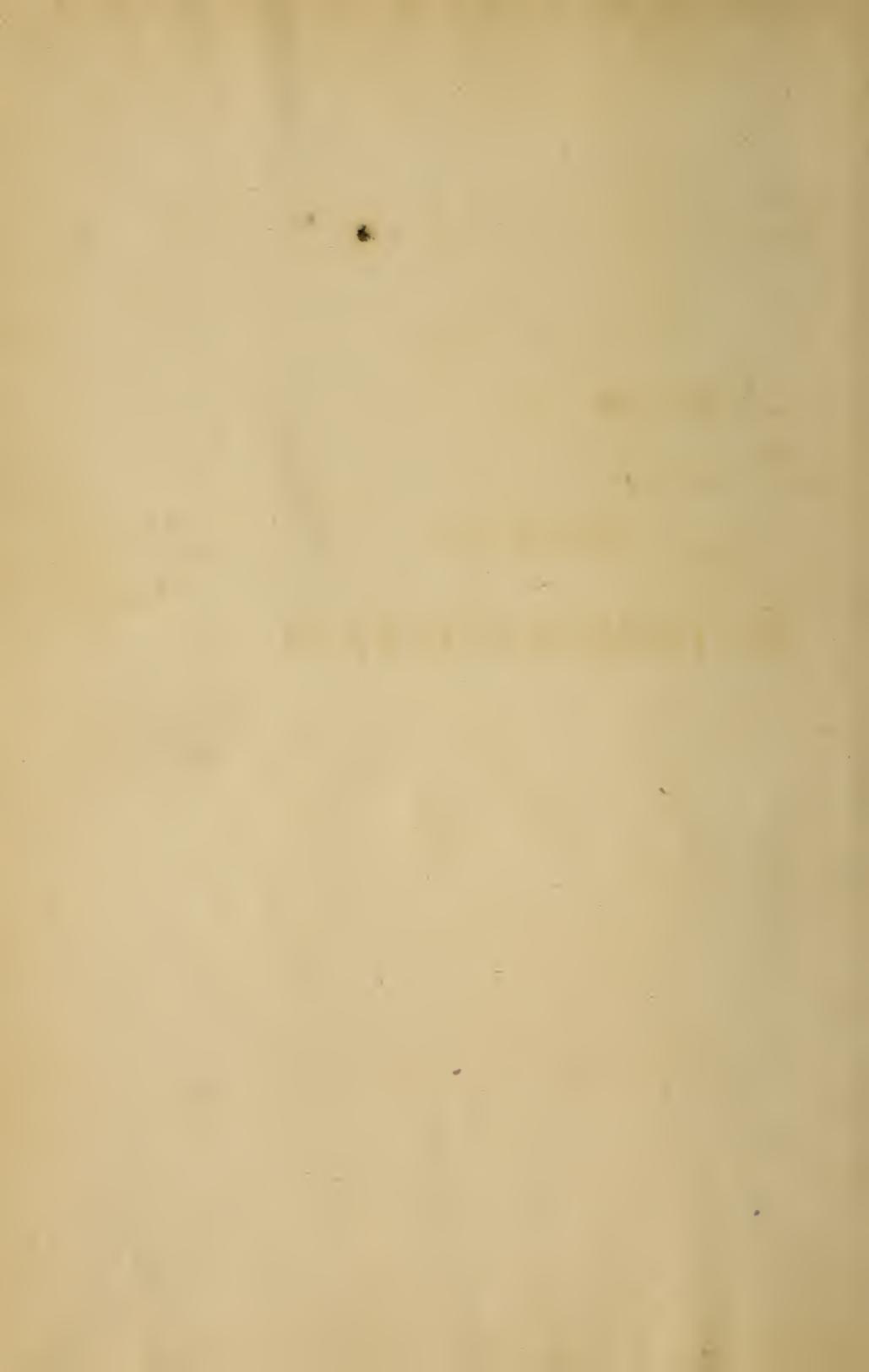
Book V5B6

1856











RODRIGO

HISTORICO-POLITICO

**BOSQUEJO**  
**HISTORICO-POETICO**

DOS

ACONTECIMENTOS MAIS IMPORTANTES

**OCCORRIDOS EM PORTUGAL**

Até á morte

DO SENHOR REI D. JOÃO VI

POR

**ANTONIO JOSÉ VIALE**

When truth is sufficient to fill the  
mind, fiction is worse than useless.

JOHNSON.



LISBOA

TYPOGRAPHIA DA REVISTA UNIVERSAL

Rua dos Fanqueiros, 82

1856

PQ9261  
V5B6  
1856

A teneris discat patrios cognoscere fastos  
Ingenuas artes quisque docendus erit.  
Parvos parva deceat : juvenes majora requirent.  
Hoc mea nunc pueris Musa dicavit opus.

387270

A J. V.

'29

## PROLOGO.



Este opusculo foi composto com o desejo de que servisse aos estudantes de Humanidades, para melhor gravarem na memoria os principaes successos da historia patria. O Tribunal competente decidirá se a obrinha escripta com esse intuito he, ou não he, capaz de contribuir para se obter hum tal resultado.

Na indicação de alguns factos não se achará nella observada huma rigorosa ordem chronologica. Ainda que esta composição metrica não deva aspirar a gosar das liberdades concedidas aos poemas, poderá talvez neste ponto considerar-se com algum direito á indulgencia dos leitores illustrados. Da sua benevolencia espera o auctor, que se dignarão levar-lhe em conta as difficuldades de huma versi-

ficação não inteiramente descuriosa, o pouco frequente emprego de consoantes faceis de achar, taes como os em *ados, osos, ia*, e a total abstenção dos esduxulos e dos agudos. Com taes pêas he quasi impossivel evitar algumas irregularidades, que, com quanto de pouca monta, seriam indesculpaveis em hum compendio escripto em prosa.

Pelo amor da brevidade, e para escusar transições ou violentas ou affectadas, só se falla das Senhoras Rainhas depois de se haver dito tudo o que se julgou necessario ácerca dos Soberanos de quem foram esposas. Este systema só foi alterado em dois ou tres casos, e por justas considerações.

Não tardará a publicar-se hum *Novo Epitome de Historia de Portugal* em prosa, que servirá de explicação a estas oitavas, nas quaes os acontecimentos são apenas apontados *de relance*, como se promette no principio do primeiro Canto.

## AOS ESTUDANTES DE HUMANIDADES.



Escol dos filhos desta Lusa terra,  
Que ao estudo vos dais em tenra idade,  
Uteis lições este livrinho encerra  
De alto valor, e de Christã piedade.  
Ao ler de nossos Reis, na paz, na guerra,  
Tantas acções de esforço e heroicidade,  
Vereis que houve tambem, para ajuda-los,  
Dignos de Reis heroes, heroes vassallos.

De hum povo lido haveis, que subjagara  
O quasi inteiro conhecido mundo :  
Outro vedes, que ovante os plainos ara  
(Dominador feliz) do mar profundo :  
Vedes outra nação, não menos clara,  
Do bom gosto empunhar sceptro jocundo,  
Nas armas sendo, a hum tempo, insigne e dextra,  
E nas artes da paz modelo, e mestra.

VI      AOS ESTUDANTES DE HUMANIDADES.

De antiga, ou de moderna, estranha gloria,  
Não vos offusque o brilho: a patria vossa  
Alto, nobre, lugar ganhou na historia,  
De que nação nenhuma a desapossa:  
Accções mais dignas de immortal memoria,  
Que feitos mil e mil da gente nossa  
Não as conta outro povo. He parvo, ou louco,  
Quem ter tão nobre patria estima em pouco.

Com magoa a vemos decadente agora...  
Esp'rança della sois — sereis esteio:  
Da discordia, e cobiça os damnos chora;  
A' cobiça, á discordia, ah! ponde hum freio.  
Mãi de Christãos heroes, foi grande outrora:  
Venha a se-lo outra vez por vosso meio:  
A' fé que os animou devêu tal brilho:  
Esforce-vos a fé: segui seu trilho.

BOSQUEJO

# HISTORICO-POETICO.



CANTO I.

I

Novo cantor da patria ascenda ao Pindo,  
A celebrar seus fastos se abalance,  
E de ficções a historia revestindo,  
De segundo Camões renome alcance :  
Eu, tão só da verdade a luz seguindo,  
Folgo indicar n'hum rapido relance,  
Sem que chame em auxilio Apollo, as Musas,  
Luso, aos filhos de Lysia, as glorias Lusas.

## II

Da derradeira Hesperia o solo ameno,  
No extremo occaso (Portugal agora)  
Onde em seus mimos, sob hum céo sereno,  
Competem entre si Pomona, e Flora,  
Lusitania chamou-se. O povo Peno,  
Que sulca, afouto, o mar, terras explora,  
Em região tão rica, e tão fecunda,  
Dilata o seu poder, colonias funda.

## III

Eis que as aguias de Roma, ao Peno infestas,  
Vem, sedentas de sangue, ao clima Hispano...  
A Carthago tu, Lysia, auxilio prestas,  
Causa á Lacia nação de immenso damno.  
Após tres luctas horridas, funestas,  
Succumbe emfim o barbaro Africano :  
Roma, qual soberana, em alto solio,  
Ao mundo dicta leis no Capitolio.

## IV

A Lysia as dicta em vão. Do monte Herminio  
O pastor Viriato, escuro e pobre,  
Por tres lustros resiste ao seu dominio,  
Sem que jámais seu animo soçobre.  
Assim, ó Roma, o barbaro assassinio,  
Obra de teu pretor cobarde e dobre,  
Na longa lide em que o vigor esgotas,  
Pagas, com justa pena, em cem derrotas.

## V

Sempre afeito a vencer, morde-se, e brame,  
De raiva insano, o tumido Latino,  
Pelos Lusos vencido, embora clame,  
Que he prole illustre do immortal Quirino.  
Esquece o brio antigo em tal certame,  
Teme arrostar as furias do destino.  
Quem julgár-se ousará mais forte e sabio  
Que Unimano, e Pompeu, que Plaucio e, Fabio?

## VI

« Viriato se immole. » Infames braços  
Cravam trédos punhaes no inerme peito,  
Quando o heroe, dando folga aos membros lassos,  
Jaz, immerso no somno, em duro leito.  
Mas embora os mais graves embaraços  
Suscite á nobre causa o torpe feito,  
Da Italia, em breve, singular reforço  
Chega, opportuno, ao Lusitano esforço.

## VII

Entre os Lusos, Sertorio, em raiva acceso,  
Latino, contra o Lacio as armas vibra :  
Sustenta do commando o grave peso,  
E as mais dispares forças equilibra.  
Contra a Lusa nação, quasi indefeso,  
Na traição o Romano emfim se libra ;  
A's mãos de hum vil sicario, em nobre sala,  
O proscripto guerreiro o alento exhala.

## VIII

Morto o bravo caudilho, em pranto, em lucto,  
Fica Lysia infeliz, e a Hespanha inteira,  
Que vê d'esforços mil perder-se o fructo,  
Bem que inda lucte, intrepida, guerreira.  
Até que Octaviano, audaz, e astuto,  
Póde ganhar victoria derradeira,  
Dos povos, que pungia a prisca injuria,  
Com brandos modos desarmando a furia.

## IX

Então por cinco seculos, submissa,  
Paga tributo a Roma a Lusa gente :  
A Roma, que com barbara injustiça  
O mundo opprime, altiva e prepotente :  
Mas ao seu fasto, e sordida cubiça,  
Chega o termo fadado. O Omnipotente,  
Tanto orgulho e furor mais não soffrendo,  
Manda ao povo oppressor castigo horrendo.

## X

Varios em lingua, e leis, em crenças varios,  
Boreaes povos, de indole ferina,  
Excita á lucta (asperrimos contrarios)  
De Roma em damno, a colera divina.  
Eis ameaçam, brutos, sanguinarios,  
Aos Lacios muros ultima ruina,  
Vingar fazendo assim vetustos planos,  
Godos, Suëvos, Vandalos, Alanos.

## XI

La da gelida terra Escandinava  
Vem o imperio assaltar com furia infrene :  
Ei-los na Hespanha já, qual ignea lava,  
Descendo os altos montes de Pyrene !  
Roma despota fôra, agora escrava  
Quer o céo vingador que gema e pene,  
Vendo do seu poder o grão colosso  
Desfeito em pó, com misero destroço.

## XII

Mas se o prisco poder, fulgor profano,  
Perdeste, ó Roma de Quirino, e Numa,  
Exerces hum poder mais do que humano  
Hoje, ó Roma Christã, com gloria summa.  
Em ti tem fixa séde o soberano  
Pastor da grande grei, que é santa e huma,  
E assim te posso, afouto e verdadeiro,  
Metropole chamar do mundo inteiro.

## XIII

O pugnaz invasor, na Hesperia abranda,  
A pouco e pouco, os barbaros costumes,  
E deixada de Ario a seita infanda,  
Da pura fé recebe os claros lumes.  
Quasi esquecidos de uma e de outra banda  
Figadaes odios, pristinos ciumes,  
De paz e affecto vinculo sincero  
Une o Godo feroz, e o bravo Ibero.

## XIV

De discordias civis fatal resulta !  
Nova cruenta guerra Hespanha assola :  
De Rodrigo a ambição não fica inulta,  
Julião ao seu odio a patria immola.  
Co'a nefanda traição a Libya exulta,  
A bandeira do Arabio já tremola  
(Que horror !) após terrificas batalhas,  
Derribada a da Cruz em cem muralhas.

## XV

Toda a trahida Hespanha as leis recebe  
Dos sectarios do falso impio propheta :  
Só para resistir eis se aperbece  
Pelaio, da fé sancta insigne athleta.  
Na mente a heroica empreza, audaz, concebe,  
Infatigavel tende á nobre méta ;  
Arma-se, « ás armas » brada, e nas Asturias,  
Rebate, Rei Christão, as Mauras furias.

## XVI

Ao som da rouca tuba, em toda a parte  
Arma-se a grei Christã, prodigios obra :  
Da Cruz ovante ao inclyto estandarte  
A cerviz, vezes mil, o Mouro dobra.  
Outras, resiste impavido, e dest'arte  
Não larga a preza opima, alentos cobra :  
Seculos dura a lide, e se propaga  
Mais e mais, e de sangue a Hesperia alaga.

## XVII

Mas protege os Christãos favor celeste !  
Surge na terra Hispana Estado novo,  
Que a prol da fé, Senhor, crescer fizeste,  
Qual d'arvore vivaz feliz renovo.  
Embora Africa toda auxilio preste  
Ao Sarraceno Hispano, o Luso povo  
Vai vence-lo, e plantar de Deos bemquisto,  
Té nos confins do mundo a Cruz de Christo !

## XVIII

O Borgonhez HENRIQUE ao solo Hesperio  
A lança vem brandir. Guerreiro invicto,  
Da Maura gente em damno, em vituperio  
Longo sustenta, asperrimo, conflictio.  
Governa o Sexto Affonso o Hispano imperio,  
E em premio a tal valor, com santo rito  
Quer que o famoso heroe se una a Tareja,  
E, Conde, Portugal conquiste e reja.

## XIX

Do que assim houve illustre senhorio  
Em breve HENRIQUE os terminos dilata :  
Continuo afronta o Mauro poderio,  
Castellos, hostes, rende, e desbarata.  
Nem menos que bellaz, devoto, e pio,  
De Christo o grão sepulcro, humilde, acata,  
E ao Redemptor que alli jazera outr'ora,  
Entre a turba fiel, prostrado, adora.

## XX

AFFONSO HENRIQUES toma em tenra idade,  
Maugrado á mãe, a summa governança,  
Firma da patria a plena liberdade,  
E contra o fero Mouro empunha a lança.  
Heroico campeão da Christandade,  
Em mystica visão, ditoso, alcança  
Do divinal favor certeza expressa,  
E em prol do novo reino alta promessa.

## XXI

Posto o Mouro em Ourique em plena rota,  
He proclamado rei com lédo auspicio:  
Das Quinas o brazão no campo adopta,  
Da visão, da victoria, ao mundo indicio.  
Aporta á foz do Tejo amiga frota,  
Não perde AFFONSO ensejo tão propicio,  
Aos muros de Lisboa o cerco aperta,  
E após renhidas luctas, os liberta.

## XXII

Na Estremadura, então, succumbe e cede  
Em toda a parte o barbaro Agareno:  
Pouco resta ao sequaz de Mafamede  
Na região além do Tejo ameno.  
Na guerra, sem descânço, o Rei procede,  
Resgata o Transtagano almo terreno,  
E faz alli nos muros, e campinas,  
A bandeira ondear das santas Quinas.

## XXIII

A prol do novo Lusitano estado  
Vivas preces ao céo Bernardo envia,  
E desde Claraval ao Rei soldado  
Na nobre e santa empreza esforça e guia.  
Pastora entanto hum inclyto Prelado  
A Braccharense grei zelosa e pia —  
Godinho — e faz que em nada 'então desdiga  
Do seu fulgor primeiro a Séde antiga.

## XXIV

Benigno, sobre AFFONSO o Ceo derrama  
De sua graça influxos salutaes :  
Em santo zelo, grato, o Rei se inflamma,  
Sacros cenobios funda, erige altaes.  
Exalta em toda a parte a voz da fama  
Do grão Monarca os feitos singulares ;  
Porem firmeza na ventura humana  
Quem se atreve a esperar, quanto se engana !

## XXV

Seus erros juvenis AFFONSO expia,  
Com viva dor, nos annos já maduros.  
Vencido e preso, em aspera porfia,  
De Badajoz o vêem os altos muros.  
Mas quando o filho, intrepido, auxilia,  
Prestes novos tropheos eis tem seguros :  
Descerca Santarem, e em breve espaço,  
Colhe virente palma o velho braço.

## XXVI

Então o resto de teus cheios dias  
Passas, AFFONSO, em paz, e no retiro,  
Todo em santas acções, em preces pias,  
Em quanto o sol p'rfaz hum annuo gyro.  
Com dor geral do povo que regias,  
Emfim exhalas o ultimo suspiro,  
Lá donde se ouve, em placido socego,  
O brando som das agoas do Mondego.

## XXVII

Do fundador da Lusa monarchia  
He consorte feliz, gentil Mafalda,  
Que bem, aqui, de encomios merecia,  
Em doces versos flórida grinalda.  
De seus dotes a fama a Europa enchia :  
Expectação tão alta se não balda.  
Salve, prole Sabauda ! Astro benino  
Fulge em Lysia ao asceta, ao peregrino !

## XXVIII

Justo não he, que, por ingrato olvido,  
Aqui de alguns heroes os nomes cale,  
Cujo valor concorre em gráo subido  
Para que AFFONSO tanto se assignale.  
Em lealdade, e esforço esclarecido,  
Egas Moniz, quem ha que a ti se iguale ?  
Livraste o teu Senhor : comtigo á morte  
Offertas, prompto, os filhos, e a consorte.

## XXIX

Quem nas ondas, pugnando em santa lide,  
 Dá do Luso valor primeiro exemplo?  
 He Roupinho, que igual ao grão Pelide  
 No mar, na terra, attonito contemplo.  
 Queimara a Maura frota, o Ceo decide  
 Dar-lhe paz perennal no eterno templo:  
 Por seu Deus, por seu Rei, vertendo o sangue,  
 Na destroçada não succumbe exangue.

## XXX

Pois de ti que direi, que a fama antiga  
 De Codro, Decio, e Cocles, escureces,  
 Martim Moniz, que na tremenda briga,  
 Em sacrificio á patria te offereces?  
 Já no Castello o Mouro não se abriga,  
 Surdo foi Mafamede, ao voto, ás preces...  
 Se o guerreiro tropel teu corpo esmaga,  
 Tens do feito sem par no Empyreo a paga.

## XXXI

Nem he menos razão, que ufano aponte,  
 Entre os braços de Lysia, o Luso vate  
 Hum varão (qual Moisés no excelso monte)  
 Que orando os seus esforça, o imigo abate.  
 Em Leiria os Christãos embora afronte  
 O Mouro — eis vem Theotonio — em cru combate  
 O vence — Arronches toma, e ao mundo espanto  
 Causa, guerreiro, o Sacerdote santo.

## XXXII

Cognome honroso, que durou na historia,  
 Deu-te, bravo Gonçalo, a marcia lida,  
 Que em buscar nobre preza, alta victoria,  
 Toda gastaste a trabalhosa vida.  
 Em Evora por ti não menos gloria,  
 Giraldo Sem pavor, he merecida :  
 Por destemor igual, feitos diversos,  
 Pobre feudo aceitai de toscos versos !

## XXXIII

Cingida a fronte de virente louro,  
 Que nas campinas Beticas ceifara,  
 Ascende SANCHO ao solio, e o fausto agouro  
 Confirma, heroe, qual antes se mostrara.  
 Com Germanico auxilio arranca ao Mouro  
 Silves, forte cidade, antiga, e clara :  
 A fama que seu nome eleva ao polo,  
*Povoador* o diz do patrio solo.

## XXXIV

Mais do que este brazão, ditoso torna  
 SANCHO PRIMEIRO a prole feminina,  
 Sobre a qual os seus dons profusa entorna  
 A, que tudo governa, essencia Trina  
 A Mafalda, e a Thereza a fronte adorna  
 Regia corôa — a Sancha outra mais dina —  
 A de esposa de Christo — e as tres festeja  
 Nos altares, devota a Lusa Igreja.

## XXXV

Eis, triplice flagello, a Lusa terra,  
Mudada a sorte, subito devasta :  
Em damno seu, a peste, a fome, e a guerra,  
Fazem contra os fieis liga nefasta :  
Do Algarve occupa o Mouro o prado, e a serra,  
Envão o Luso o passo lhe contrasta ;  
Mas prestes em Thomar, em Torres Novas,  
Dão de esforço os Christãos brilhantes provas.

## XXXVI

Debalde os reis de Cordova e Sevilha  
Tentam o assalto de seus altos muros :  
Alli do moço AFFONSO o valor brilha,  
E o siso próprio de annos mais maduros.  
O Sarraceno emfim se rende, e humilha,  
E os Christãos deixa ufanos e seguros :  
SANCHO, vendo cessar tantos flagellos,  
Volta ás artes da paz os seus desvelos.

## XXXVII

Aldonça ou Dulce, Catalã Princeza,  
Ao thalamo de SANCHO o Céu destina ;  
Nella a par da mais florida belleza  
Brilhar se vê virtude peregrina.  
Socorrer, meiga, a misera pobreza,  
Sempre implorar a protecção divina,  
Em féra crise, em placido socego,  
He da vida de Dulce o doce emprego.

\*

## XXXVIII

Eis o SEGUNDO AFFONSO o sceptro toma,  
 E á gente Hispana, em horrído perigo,  
 Prompto soccorro manda, e a furia doma  
 Na propria terra ao barbaro inimigo.  
 Alcacere do Sal, que de Mafoma  
 Prestar soe ao sequaz seguro abrigo,  
 E donde elle os Christãos assalta e offende,  
 Com Batavo reforço oppugna e rende.

## XXXIX

Nesta illustre facção palmas ceifaste  
 Em defensão da fé, nobre Sueiro :  
 Para louvar-te não ha voz que baste,  
 Christão pastor, pontifice guerreiro.  
 Mais de hum rei mouro embora te contraste,  
 E em soccorro dos seus corra ligeiro,  
 Alcacer cahe, e em turbida desordem,  
 O solo os infieis aos centos mordem.

## XL

De leso amor fraterno a fama argue  
 AFFONSO, que não pouco assim deslustra  
 Os generosos dotes que possui,  
 Com que no marcio ardor seu nome illustra.  
 As inclytas irmans da herança exclue,  
 E só temor em parte o intento frustra,  
 Que o Leonez se oppõe altivo e bravo,  
 E Roma o força ao justo desaggravo.

## XLI

Assim de AFFONSO os dotes soberanos  
Da cubiça desluz o torpe effeito ;  
Do escandalo porem compensa os damnos,  
Defensor da virtude, e são direito.  
Numerosas promulga em poucos annos  
Próvidas leis em publico proveito,  
Fructo do acordo unanime, e sincero,  
Entre o monarca, os proceres, e o clero.

## XLII

Acordo que depois, por desventura,  
Entre o severo AFFONSO, e o clero altivo,  
Qual devera durar, firme não dura,  
Antes se rompe por fatal motivo.  
Do Braccharense a rigida censura  
Dá de AFFONSO ao furor novo incentivo :  
Honorio, de mór damno emfim presago,  
Congraça, a custo, em Lysia o sceptro, e o lago.

## XLIII

Ramo Augusto do tronco de Castella,  
Desposa Urraca o Luso rei terceiro :  
Tanto a Esposa he leal, piedosa, e bella,  
Quanto o Consorte he intrepido, e guerreiro.  
Do Seraphim de Assis, que ardente anhela  
Por converter a Deos o mundo inteiro,  
Hospicio aos filhos dá. Serena e forte,  
Prevista a fatal hora, encara a morte.

## XLIV

Da metropole Lusa amparo, e gloria,  
 Antonio, a quem devoto o mundo admira,  
 Qual outro heroe na Lusitana historia,  
 Mais pasmo exita, mais respeito inspira ?  
 Permite, que ao fazer de ti memoria,  
 Humilde aqui te invoque a minha lyra,  
 E do segundo Affonso a dita exalte,  
 Sob quem déste á patria o mór esmalte.

## XLV

Padua que seu, sem jus, folga chamar-te,  
 De possuir teus ossos se gloria :  
 Em ti (que hes filho seu) tem baluarte  
 Firme, seguro a Lusa monarquia :  
 Mas não só nella, e em Padua, em toda a parte,  
 Por tuas santas preces e valia,  
 (De raiva vos mordei monstros estygios)  
 Obra o Senhor innumerados prodigios.

## XLVI

SANCHO SEGUNDO occupa o Luso throno,  
 Perdeo-o porém depois, julgado indino :  
 Não se entrega da inercia ao molle somno,  
 Como affirma, fallaz, rumor malino.  
 A terra Transtagana em seu abono  
 Recorda acções de esforço peregrino ;  
 Mas corruptos privados não sopêa,  
 E, expulso, busca asylo em terra alhêa.

## XLVII

Nella, a principio, com as furias arca,  
Intrepido varão, do fado adverso,  
Vida vive depois austera e parca,  
A' celeste mansão todo converso.  
De lealdade ao misero monarca,  
Dignos de alto louvor em prosa e em verso,  
Vencendo riscos mil, fadigas, peitas,  
Dais nobre exemplo então, Pacheco, e Freitas.

## XLVIII

E não menos de esforço illustres provas  
Dás, Corrêa immortal, no Algarve oppresso,  
Quando lucta sanguina alli renovas,  
Contra o Mouro, a quem damna o teu regresso.  
Fôra arrojado cantar nas minhas trovas,  
Tanta peleja, e prospero successo,  
O' Luso Josué, que assim te aclama,  
Teus portentos narrando, a voz da fama.

## XLIX

Do estado, após a turbida procella,  
AFFONSO o BOLONHEZ dirige o leme:  
Vendo quanto a justiça acata e zela,  
O hom vassallo folga, o impio treme.  
O Mouro, a quem no Algarve o rei debella,  
Ou foge, ou curva o collo, e escravo geme:  
Lysia então não vê mais nas torres suas  
O profano pendão das meias luas.

## L

Nem só no reino avito ás hostes Mauras  
 Faz curvar a cerviz, raio de guerra :  
 Por seu auxilio a capital restauras,  
 Bravo Fernando, da Vandalia terra.  
 Da fortuna aproveita as brandas auras  
 AFFONSO, e em solo alheio encalça, aterra,  
 De Agar os netos, tremulos, confusos,  
 E volve, ufano, e ovante, aos lares Lusos.

## LI

Grave stigma (inda mal!) severa e justa  
 No nome deste rei a fama imprime,  
 Que entre os grandes heroes da estirpe augusta  
 Lugar lhe faz haver menos sublime ;  
 Mathilde quantas lagrymas te custa  
 Da ingratição do esposo o torpe crime !  
 Por Brites, cujo pai convem-lhe amigo,  
 Esquece o nó sagrado, e affecto antigo !

## LII

Dehalde o grão Pastor, a voz alçando,  
 O novo enlace adultero condemna —  
 Depois, morta Mathilde, aos rogos brando,  
 O válida e remitte a justa pena.  
 Ditoso exerce AFFONSO o regio mando ;  
 Mas eis que após a dita e a paz serena,  
 Vê no solo feliz da Lusitania  
 Brotar, crescer, pestifera zizania.

## LIII

Queixa-se o Clero, e clama em altos brados,  
Que o monarcha he tyranno, e opprime a Igreja ;  
Auzentes chora Lysia os seus Prelados,  
Roma exhorta, ameaça, e em fim tropeja :  
Conselhos vãos ! Anathemas baldados !  
Resiste o Rei, que de ceder se peja :  
Só no leito da morte às iras doma,  
E curva o collo altivo, ás leis de Roma !

## LIV

No reinado de Affonso eximio troço  
De bravos e de heroes brilha, e campêa :  
Qual entre estatuas cem éneo colosso,  
Avulta entre elles immortal Corrêa.  
Presago o Mouro de fatal destroço,  
Após tanta derrota, ao ve-lo, arêa :  
Na Hispalica facção, com feitos grandes,  
Incute igual terror Martim Fernandes.

## LV

Do quinto Rei do povo Lusitano  
Brites segunda esposa exemplo claro  
He de amor filial. Se torpe engano  
Cumplice a fez de injusto desamparo ;  
Busca a falta expiar, lamenta o damno,  
Dos orphãos de Ulyssêa he doce amparo,  
E deixa, usando assim de seus thesouros,  
Illustre nome aos seculos vindouros.

## LVI

DINIZ, filho de Affonso, hymnos merece  
 Que em Lysia a hum novo Alceu inspire a Musa :  
 De principes juiz, estabelece  
 Leis de paz que cumprir nenhum recusa.  
 Por fundador, ufana, o reconhece  
 Do Alcaçar de Minerva a Athenas Lusa ;  
 E a par deste brazão que tanto o exalta,  
 O de *Rei Lavrador* seu nome esmalta.

## LVII

De outro laurel DINIZ a fronte cinge,  
 Funda e sagra a Jesus milicia nova,  
 Que á do Templo succede, e as armas tinge  
 De sangue, e dá de si fulgente prova :  
 Que na paz, d'outra gloria ao cimo attinge,  
 Com que o prisco fulgor em si renova,  
 Pois se cumprem por ella altos desenhos,  
 Sulcado o pégo immenso em frageis lenhos.

## LVIII

Salve Isabel, que ao throno lusitano,  
 Esposa de DINIZ, dás mais fulgores !  
 Em vão tenta exercer para teu damno  
 Negro genio do mal os seus furores.  
 Descobre o justo céo o torpe engano,  
 Convertendo alvos pães em frescas flores :  
 A virtude triumphá, espuma e brame  
 A vencida calunnia, atroz e infame.

## LIX

Termo outr'ora puzeste ás feras iras  
 Entre o rebelde Principe invejoso,  
 E o Rei, esposo teu, que armado viras  
 Para o filho punir, com causa iroso.  
 Anjo de paz, os animos uniras ;  
 Influxo agora tens mais poderoso,  
 Agrilhado o monstro da discordia,  
 Faze entre nós reinar doce concordia !

## LX

Do QUARTO AFFONSO as inclytas proezas  
 Agradecida exalta a Hispana gente,  
 Que deve em parte ás forças Portuguezas  
 Do Salado a victoria refulgente.  
 Desluz o Rei tão nobres gentilezas,  
 De barbaro rigor vencida a mente,  
 Quando deixa cravar da linda Castro  
 Féros punhaes no seio de alabastro.

## LXI

Do Principe lograva ardente affecto  
 (Já no sepulcro a misera Constança)  
 A semventura Ignez. Com turvo aspecto  
 Inveja a mira, e jura atroz vingança...  
 Castro, ouvindo o lethifero decreto,  
 Aos pés de AFFONSO, tremula se lança,  
 Co'os filhinhos gentis piedade implora,  
 Mulher, esposa, e mãe, supplica, e chora.

## LXII

Abalado, movido, AFFONSO escuta  
 Da afflicta dama os rogos derradeiros :  
 A compaixão sopeia, em grave lucta,  
 Da ira cega os impetos primeiros.  
 Ignez ousa esperar... Com sanha bruta  
 Vem saltea-la monstros carniceiros...  
 Ella, sem que uma queixa então profira,  
 « Meu Deus ! meu Pedrô ! » exclama, e exangue expira.

## LXIII

Logo (pena talvez d'eros antigos)  
 AFFONSO vê romper guerra intestina :  
 Vingar-se Pedro quer : não vê perigos :  
 Leis não acata, freme e desatina.  
 No meio em fim dos campos inimigos  
 Brites á paz os animos inclina :  
 Interpõe preces, pranto, e não socega  
 Té que amansa dô filho a furia cega.

## LXIV

Do bravo Affonso esposa, ao desvalido  
 Brites consagra maternal affecto,  
 Afouto o pebre a busca, é soccorrido  
 Sempre acha nella compassivo aspecto  
 Soberana feliz ! que vê cumprido  
 Seu desejo, vencida a dira Alecto,  
 Quando, com modo emprega austero e brando,  
 Rainha, esposa, e mãe, o rogo, e o mando.

## LXV

PEDRO, esposo infeliz, de Affonso herdeiro,  
Vinga, logo que empunha o regio sceptro,  
Da cara Ignez a morte, que primeiro  
Deplorou, saüdoso, em flebil metro.  
Affavel, generoso, e justiceiro,  
Se dos sons d'aurea lyra, eburneo plectro,  
Accções dignas não faz, nas marcias lides,  
De monstros livra a terra, he Luso Alcides.

## LXVI

Com atroce rigor os réos castiga;  
Mas da justiça he defensor e esteio,  
E assim apaga, em parte, a nodoa antiga,  
De não ter posto á ira um justo freio,  
Quando á viva paixão que o move, e instiga,  
Dando soltas, punira o crime alheio,  
Pondo por cego, insano, desafogo,  
O não culpado reino a ferro e a fogo.

## LXVII

Mais formoso, que bravo, e que discreto,  
Reina após PEDRO o prodigo FERNANDO,  
Cuja ambição fatal, e vão projecto,  
Ao povo causa estrago miserando.  
De Castella rival, sempre inquieto,  
No governo dos seus remisso e brando,  
Com as mais sanctas leis não tendo conta,  
Faz a nobre vassallo atroz afronta.

## LXVIII

Mas não he seu reinado em tudo infesto  
 A' sã moral, á publica ventura :  
 Para freio do máo, louvor do honesto,  
 Instaure, justo, salutar censura.  
 Aos proceres denega um jus funesto,  
 Que impunidade aos dyscolos segura,  
 O vil ocio, que o povo e os reis desdoura,  
 Punindo, anima a próvida lavoura.

## LXIX

Nem fallecem a Lysia, exhausta, afflicta.  
 Quando mais arde a guerra, e os seus flagellos,  
 Filhos heroes, que na geral desdita  
 Sejam de esforço fulgidos modelos.  
 Debalde um terno affecto o peito agita—  
 De Faria, e de Paes — Lusos castellos  
 Resistem, e ao da patria amor superno,  
 Cede, e á fé dada ao Rei, o amor paterno.

## LXX

A FERNANDO desaire, á patria damno,  
 Leonor Telles sobe ao regio thoro :  
 Fatal belleza accende affecto insano,  
 Brilha, qual fulge infausto meteoró.  
 Telles, vencido o fraco Soberano,  
 Chama, calcando as leis, e o seu decoro,  
 Sobre o reino infeliz do crime a penã,  
 Qual sobre Troia e Grecia a Argiva Helena.

## LXXI

O PRIMEIRO JOÃO na Lusa terra  
Sobe ao throno por triplice direito :  
O sceptro dão-lhe, o sangue, o jus da guerra,  
E o povo, que decide o grande pleito :  
Toda a força de Hespanha o não aterra,  
(De Aljubarrota o diga o nobre feito)  
Vence, e dada ao Ibero a justa pena,  
Firma no reino avito a paz serena.

## LXXII

Quem tal lucta lembrando, o nome pode  
Em silencio deixar do grão Pereira,  
Que então (e sempre) invicto, á patria acode  
Bravo dos bravos na sazão guerreira ?  
(Que por fim, como quem de si sacode  
O pó de longa, turbida, carreira,  
Despe a loriga, e envolto em pobre manto,  
A Deos só quer servir asceta e sancto ?)

## LXXIII

Com Nuno o grande rei, fendendo as vagas,  
Vai saltear na Lybia o Mauritano :  
Ceuta soberba, nas ardentes plagas,  
Curva a cerviz ao jugo Lusitano.  
Sulcar sob o pendão das sanctas Chagas  
Eis manda Henrique o tumido oceano,  
E assim as bases lança a regia prole  
Do Luso Indico imperio á ingente mole.

## LXXIV

Ramo illustre, immortal, de excelso tronco,  
 Da patria o mór brazão, ditoso Henrique,  
 Que povo a terra habita, inculto e bronco,  
 Onde a fama teus feitos não publique?  
 A rudeza do engenho, o ingrato e ronco  
 De minha vós, me tolhem que dedique  
 Hymnos a ti. Seu voo aos astros alce  
 Futuro Homero, que teu nome exalce.

## LXXV

Em Sagres, douto astrónomo profundo,  
 De futeis cortezãos fugindo o trato,  
 Fundaste eschola, proveitosa ao mundo  
 Mais que a Stoa, o Lyceu ou Peripato.  
 A teu alto valor, genio fecundo  
 Terás cantor sublime. O Luso grato  
 Alli, donde tal luz então raiava,  
 Hoje em simples padrão teu nome grava.

## LXXVI

Sob os auspicios teus, o pégo undoso  
 Sulcam novos Jasões que o mundo admira,  
 Mais que o rei da Thessalia aventureoso  
 Dignos d'epica tuba, Ismenia lyra.  
 O Euxino elle assoberba, e cubiçoso  
 O vélllo de ouro a conquistar aspira:  
 Elles chegam, sulcando os mares largos,  
 Mais longe vezes cem que a immortal Argos.

## LXXVII

Commettem mór empreza, e os não vigora  
Certeza de hum thesouro, em risco tanto.  
Eis que velejam já de foz em fora...  
Corre em terra dos seus o amargo pranto.  
Ide, nautas heroes ! Da roxa aurora  
O berço outros verão. Mostrai em tanto  
A' patria, ao mundo, infindas maravilhas,  
Novas no campo equoreo amenas ilhas.

## LXXVIII

Perestrello, Cabral, Teixeira, e Zarco,  
Applaudes o vosso arrojo a Europa inteira.  
Por fabula julgado o Herculeo marco,  
Muito alem floreas Lusa bandeira.  
Ignota a Ptolemeo, Strabão, Hipparco,  
Lusa colonia é já gentil Madeira :  
Dobrado o Bojador, he justo, Eannes,  
Que da empreza feliz, lédo, te ufanes !

## LXXIX

Filippa de Lencastro em cujas veias  
Gyra d'inclytos reis sangue Britano,  
Pizas do Douro as rubidas areias,  
Depois que cede ao Luso o povo Hispano.  
De todos o respeito e amor grangeias,  
E ind'hoje te proclama o Lusitano,  
Do PRIMEIRO JOÃO consorte dina,  
Mãe de prole em valor quasi divina.

## LXXX

DUARTE da facundia á illustre palma  
 Tem jus, e á do saber profundo, e vario,  
 Mas então da fortuna o vento acalma,  
 Ou antes, sopra rijo a nós contrario.  
 Nada val siso, ardor, grandeza d'alma,  
 Em Tanger contra o barbaro adversario,  
 Quando pelo arrayal que salvo fica,  
 Fernando, o santo heroe, se sacrifica.

## LXXXI

Do inclyto Infante as barbaras cadeias  
 Embalde, ó terno irmão, quebrar anhelas,  
 Penar o vês nas Lybicas areias,  
 Martyr da sancta fé, que attento zelas.  
 A custo a magoa atroz no peito enfreias,  
 E (estimulo á virtude, e ás acções bellas),  
 No estudo contra a dor buscando asylo,  
 Dictas maximas d'ouro em nobre estylo.

## LXXXII

Se, como rei, DUARTE he desditoso,  
 Logra, ao menos, domestica ventura,  
 Que esposa o ceo lhe dera generoso  
 De raro siso, engenho, e formosura.  
 Leonor chora em breve o regio esposo  
 Roubado ao reino, e á conjugal ternura,  
 E sem que o doce a prenda amor materno,  
 Volve triste, e queixosa, ao lar paterno.

## LXXXIII

De AFFONSO em nome, intrepido, governa  
Pedro por lustros, dois com raro siso,  
E a grande gloria não desluz paterna,  
No bem fundado publico juizo:  
Mas torpe enredo de discordia interna  
Torna-o suspeito ao rei com falso aviso:  
Elle que a defender-se, armado, corre,  
Reputado traidor, combate e morre.

## LXXXIV

Em vão de AFFONSO a esposa, a terna filha  
Do Infante Pedro, lagrymas derrama,  
Em vão suspira, e roga, em vão se humilha,  
Quando frustrar procura a iniqua trama.  
(Da virtude Isabel seguindo a trilha,  
De sancto amor se abraza em viva chamma,  
E, do aurifero Tejo as margens, ergue  
Para ascetas christãos sagrado alvergue).

## LXXXV

Das patrias leis o codigo primeiro,  
Sendo AFFONSO inda infante se promulga,  
Recta norma ao juiz, que justiceiro,  
Por elle sem perigo as causas julga.  
Com applauso geral do reino inteiro  
Subito a fausta nova se divulga,  
Que sabias leis o povo em mais estima  
Que esplendida victoria, ou preza opima.

## LXXXVI

Na Libya o QUINTO AFFONSO a lança enrista,  
 E sem igual na bellica braveza,  
 Arzila, Alcaçar, Tangere, conquista,  
 Novos tropheos da gloria Portugueza :  
 Mas em Toro he forçoso que desista,  
 Mao grado ao seu valor, da altiva empreza ;  
 O sceptro deixa, e a patria, e emfim de novo  
 Volve a reger monarca o Luso povo.

## LXXXVII

Mostra assim neste Rei, na paz, na guerra,  
 Seu genio instavel a fugaz fortuna :  
 Corôa o seu valor na Maura terra —  
 Suas velas, galerno, o vento enfuna —  
 Mas de dita maior lhe as portas cerra :  
 Que ao sceptro proprio estranhos sceptros una  
 Estorva, e frustra, com total mudança,  
 De AFFONSO a dupla, altissima esperança.

## LXXXVIII

Fernando de Aragão da esposa o priva,  
 Priva-o do throno excelso de Castella :  
 Joanna, que o perdeu, geme captiva  
 De Franciscano claustro em triste cella.  
 Do Luso Rei consola a magoa viva  
 A filha, angelical, sançta donzella,  
 Joanna, em caridade, e ardente zelo,  
 De esposas de JESUS mestra, e modelo.

## LXXXIX

Já da luz do saber, fulgente, assoma  
 O crepusculo em Lysia. A' gente Lusa  
 Seus thesouros revela a antiga Roma;  
 Pule-se a lingua barbara e confusa:  
 De Octavio o nobre exemplo AFFONSO toma  
 Com prazenteiro rosto, e mão profusa,  
 Acolhe o sabio, e anima ao desempenho  
 De illustre empreza hum desvalido engenho.

## XC

Luso Osymandias, busca e ajunta, ufano,  
 De escriptos immortaes rico thesouro,  
 Mais prezados do douto soberano  
 Que perlas, que rubis, que metal louro:  
 Assim prepara ao povo Lusitano  
 Das lettras, e saber, a idade d'ouro,  
 E desde já consagra em seu palacio  
 Culto ás Musas gentis do antigo Lacio.

## XCI

O SEGUNDO JOÃO em gloria, em dita,  
 Poucos reis tem iguaes nos fastos Lusos:  
 De hum poder oppressor o jus limita,  
 Fonte fatal de innumerados abusos.  
 Faz que em sertões da Libya a Cruz bemdita  
 Proscreeva os cultos vãos, os feros usos,  
 E dá, dobrado o Cabo Tormentorio,  
 Fausto nome ao temido promontorio.

## XCII

Alvo do atroz rancor de seus magnates,  
A quem tolhe o poder, o fasto humilha,  
Vence, feliz, as tramas, os embates,  
E a vereda encetada, ousado, trilha.  
Qual bravo heroe nos horridos combates,  
Qual modelo de reis na historia brilha ;  
Mas seus feitos a fama exalte embora,  
Feia nodoa de sangue os desprimora.

## XCIII

Parte, juiz, executor, castiga  
João, por modo atroz, atroz offensa,  
Depois que com disfarce o reo obriga  
Contra si mesmo a proferir sentença :  
Já, por suspicita de rebelde liga,  
Sem que prova cabal disso o convença,  
Padecera (infeliz !) com peito forte,  
O Brigantino Duque afronta e morte !

## XCIV

Imperando João, lançam semente  
Do eloquio divinal, cultores pios,  
Com indefesso ardor na Libya ardente,  
Ferteis tornando os safaros baldios.  
Nem esquece entretanto a Lusa gente,  
Nos horrores da guerra, os marcios brios,  
E a fama antiga assim confirma, e alarga,  
Em Alcacar-Quibir, Caniça, e Targa.

## XCV

Borba, Menezes, Tavora, aos vindouros  
Deixam exemplos de immortal bravura ;  
Alvo das settas dos ferozes Mouros,  
Alçam a fronte intrepida e segura.  
Nem a lembrança dos ceifados louros  
Ha de envolta ficar em noite escura ;  
Já fazem dos heroes memoria dina  
Azurara, Galvão, Rezende, e Pina.

## XCVI

Em quanto assim o esforço Lusitano  
As Mauras forças n' Africa debella,  
Da dor mais viva ao Luso Soberano  
O peito assalta subita procella.  
Affonso o filho seu que brinca ufano,  
Nimio audaz corredor, perdida a sella,  
Perde nos braços seus (fatal corrida !)  
Mancebo, em choça humilde, a esposa, e a vida

## XCVII

Em Leonor do Principe Perfeito  
Esposa digna, angelica Princeza,  
De nobres prendas rica a mente, e o peito,  
He o menor dote a fulgida belleza.  
Sente do zelo seu inda hoje o effeito  
O exposto a quem faltou (fatal bruteza !)  
Nos annos infantis, em proprio ninho,  
Paterno amparo, e maternal carinho.

## XCVIII

Eis MANOEL no solio ! Eis sublimado  
 Ao fastigio da gloria o Luso nome !  
 Eis chega o prazo a Lysia assignalado,  
 Em que estranhas nações descubra e dome.  
 Digno do grande Rei, por seu mandado  
 Nobre varão, de fulgido renome,  
 Ao remoto oriente, em fragil pinho,  
 Abre, primeiro, o incognito caminho.

## XCIX

Afortunado rei, na mente abranges  
 Alta, duplice empreza, e ao cabo a levas.  
 A innumeradas nações que banha o Ganges,  
 Por ti de Christo a luz dissipa as trevas ;  
 E vencidas pagans, mauras, phalanges,  
 A tamanho poder teu reino elevas,  
 Que com applauso igual de reis, e povos,  
 Assumes, Rei de reis, ditados novos.

## C

Nem só marcia facção, nautico apresto,  
 Noite, e dia, em teu animo revolves :  
 Reformas sabio as leis, e manifesto  
 Fazes que ao bem geral a mente volves.  
 Hum só acto te mancha, acto funesto !  
 De barbara expulsão na pena involves  
 Todo hum povo infeliz, sem mais delicto  
 Que cega obstinação no antigo rito !

## CI

Igual fazes sentir rigor injusto  
 A' prole d'Ismael, que então submissa  
 No solo (outr'ora seu) viver sem susto  
 Só quer, ao fasto estranha, e á vã cubiça.  
 Monarca em tudo o mais clemente e justo,  
 Surdo á voz da piedade e da justiça,  
 De inico pacto ás leis prestando assenso,  
 E's causa ao povô teu de hum damno immenso.

## CII

Oh! se dos fastos da inclyta Ulysseia  
 A pagina rasgar possivel fôra,  
 Em que nodoa lançou sanguinea e feia  
 Do fanatismo a furia assoladora!  
 Mas honra a MANOEL, que não fraqueia,  
 Ao crime irroga a pena vingadora,  
 Novas scenas de horror, prôvido, evita,  
 E d'Israel defende a prole afflicta.

## CIII

Honra tambem em perennal memoria  
 A vós, de heroes ó pleiade brilhante,  
 A quem deve o fulgor de immensa gloria  
 O Rei descobridor, feliz, e ovante!  
 Lyra, ou tuba não ha, nem voz de historia,  
 Que quanto o merecis vos louve e cante,  
 Varões que a patria adora, e o mundo acclama,  
 Dois Coitinhos, Cabral, Almeidas, Gama!

## CIV

Mas entre os Capitães, que ás Lusas quinas  
 Dais por terra, e por mar, victorias cento,  
 Em acções de valor quasi divinas  
 Sois Pacheco e Albuquerque o mór portento.  
 Tu, Pacheco, em Cochim mortes fulminas,  
 Ao feroz Samorim frustrando o intento :  
 Que heroe ha que mais lide, e gloria merque  
 Dos seus em prol, que tu grande Albuquerque ?

## CV

Lustrosa armada esquipa, e ousado a leva  
 Com denodado arrojo á Libya ardente,  
 Jaime, duque immortal, que mais eleva  
 Da Brigantina estirpe a gloria ingente  
 A culpa expia assim de huma acção séva,  
 Rende Azamor, aterra a Maura gente,  
 Que igual temendo proxima ruina,  
 Lhe abre as portas de Tite, e de Almedina.

## CVI

Perlas, ouro, rubis, em copia immensa,  
 O domado oriente ao Tejo envia ;  
 Que mil bens, dadivoso, o ceo dispensa  
 Do Portuguez ao zelo, á valentia.  
 Propaga mais, e mais, de Christo a crença  
 O Rei nas plagas donde nasce o dia,  
 E de victorias cem colhendo o fructo,  
 A Deos primicias paga, e amplo tributo.

## CVII

Assim o attesta a fabrica sagrada  
Erguida á margem do sereno rio,  
Donde sahira a aventureira armada,  
Que hum novo mundo ao mundo descobrio.  
Assim o prova a esplendida embaixada,  
Cujas pompas com pasmo a Europa vio,  
Quando Tristão levava ao Vaticano  
Os ricos dões do Luso Soberano.

## CVIII

Nem por victorias só, ditoso, brilha  
MANOEL, e por fulgida riqueza ;  
Do terceiro seu thoro, inclyta filha,  
Maria, esmalta a gloria Portugueza ;  
Tu, de teu sexo lustre e maravilha,  
Entre sôcias gentis, gentil Princeza,  
Colhes, largando os feminis labores,  
Das Musas no vergel, froctos e flores.

## CIX

A's Sigeias irmans, brazão eterno  
Da franceza nação, da gente Hispana,  
Iguaes o proprio e o merito paterno  
Ganham favor na corte Lusitana.  
E que outra em tempo antigo, ou no moderno,  
Sabia matrona, Hellenica, ou Romana,  
Pode em siso, e saber, nos dotes d'alma,  
A Hortencia Castro contender a palma?

## CX

Isabel, que perdera, em florea idade,  
 O desgraçado Afionso, o terno esposo,  
 Sobe do throno á summa dignidade,  
 A que a chama o monarca venturoso.  
 Sorte fatal da triste humanidade!  
 Da nova dita sua he breve o goso:  
 Ao dar á Hespanha inteira hum regio herdeiro,  
 Chega da vida ao termo derradeiro.

## CXI

Estirpe Aragoneza e de Castella,  
 Maria ao Luso rei Afortunado  
 Se une, morta Isabel, não menos que ella  
 Digna desse a que sobe excelso estado.  
 Fecunda mãe de prole illustre e bella,  
 De virtudes Christans vivo treslado,  
 Quando he mais venturosa, e mais querida,  
 Após parto infeliz lhe foge a vida

## CXII

De MANOEL consorte derradeira  
 A's mais igual nos dotes soberanos,  
 He Leonor que da mortal carreira  
 O vê chegar ao termo em breves annos.  
 Do rei da Gallia esposa, oppõe barreira,  
 Quanto lhe he dado, aos Huguenotos planos,  
 E exhala, sem temer o fim postremo,  
 Hispana, em terra Hispana o alento extremo.

## CXIII

Cada vez mais brilhar na paz, na guerra  
Vistes, filhos de Lysia, a Lusa gloria :  
Nação nenhuma entre as nações da terra  
Lugar mais nobre conquistou na historia.  
Todos os versos que este canto encerra  
Gravai, ufanos, na tenaz memoria,  
Que eu após breve folga ao thema rico  
Volvendo, hum novo canto a vós dedico.



## CANTO II.

1

Vimos té agora o povo Lusitano  
Ao Romano poder, na prisca idade,  
Com valor resistir mais do que humano,  
Em defensão da cara liberdade.  
Autonomo surgir, e soberano,  
Vimo-lo após, em prol da Christandade,  
E álem mar, vencedor, em climas novos,  
Dictar leis desde o Tejo a estranhos povos.

## II

Assim subiu ao cume da ventura,  
Do ceo mimosa, a gente Lusitana :  
Veio a descer depois, que pouco dura  
(Sorte ás nações commum !) a dita humana.  
Mas sempre a mesma em brio e na bravura  
Resistiu firme á furia Castelhana,  
Docil só (sacudindo o jugo alheio)  
De seus Reis naturaes ao doce freio.

## III

Igual na nossa idade, o Luso esforço  
Se ostentou, nobre exemplo, ao mundo inteiro,  
Contra as phalanges do soberbo Corso,  
Sob o sabio, immortal, Anglo guerreiro.  
Massena embalde pede em seu reforço  
Cohortes mais e mais, por derradeiro  
Chamem-lhe embora o *Filho da victoria*,  
Cede ao Luso valor a terra, e a gloria !

## IV

Se da senda directa ao fim proposto  
Da patria o sancto amor causou desvio,  
Após proemio tal, com novo gosto,  
Da breve narração retomo o fio.  
Assim, conforme o nobre presupposto,  
A' virtude animando o Luso brio,  
De nossos Reis e heroes, com grato enlevo,  
Nobres feições a bosquejar me atrevo.

## V

O TERCEIRO JOÃO, volvendo a mira  
A's fertes regiões da roxa aurora,  
Presídios, armas, d'Africa retira,  
Com que n'Asia o poder dilata e escora :  
Nem a marcios laureis sómente aspira,  
Da Santa Cruz a terra, attento, explora,  
E n'hum solo introduz, deserto e inculto,  
Gente, fabrico, leis, policia, e culto.

## VI

Transatlantica terra, aos Lusos cara,  
Deu-te sagrado nome o alto mysterio  
Da humana redempção. Salve, preclara,  
Ditosa região, florente imperio !  
Hum sceptro paternal te rege, e ampara  
(Exemplo singular nesse hemispherio)  
E's livre, e o queres ser ; mas vês sem susto  
O prestigio, o'splendor, de hum solio augusto.

## VII

Sempre mais em poder, riqueza, e lustre,  
De Lysia amigo e irmão, cresce e prospera :  
Nunca os esforços de teus filhos frustre,  
Flagello das nações, discordia fera.  
Escude-te o valor, a paz te illustre,  
E em piedade pura, e fé sincera,  
Entre os povos dos mundos, velho e novo,  
Só, ditoso, te iguale o Luso povo !

## VIII

De João no governo, ás Musas grato,  
 Novo brilho recebe a Lusa Athenas :  
 Quem das lettras se apraz no doce tracto,  
 No Lusitano Augusto acha Mecenas.  
 Ao estylo, á dicção, riqueza, ornato,  
 Dão engenhos subtis, fecundas pennas :  
 Seu reinado nas artes de Minerva  
 Da idade d'ouro o nome inda conserva.

## IX

Nos jogos marciaes não menos brilha :  
 Pela fé, pela patria, obram façanhas,  
 Dos antigos heroes seguindo a trilha,  
 Novos heroes, em cercos e campanhas.  
 São de alto esforço ao mundo maravilha.  
 Sousas, Cunhas, Rolins, Pires, Saldanhas,  
 Limas, Silveiras dois, claros mil vezes,  
 Mascaranhas, Galvões, Cabraes, Menezes.

## X

A par destes no esforço, inclyto infante  
 Luiz, esmalta o brilho á 'stirpe augusta :  
 Ao Cesar leva auxilio — armada ovante  
 Que he de Tunis terror na praça adusta —  
 Embora á summa alteza o não levante  
 Politica invejosa, ou sorte injusta,  
 Não sente que de um throno o fado o prive :  
 Mais claro que cem reis na historia vive.

## XI

Altivolante espirito, devassa  
Da região etherea o campo immenso :  
Do nosso globo a portentosa traça  
Continuo estuda com ardor intenso :  
Depois, mimoso na celeste graça,  
Despreza gloria vã, prophano incenso,  
Castalia esquece, e Urania, e Dirce, e as Nymphas,  
Do Siloé só bebe as sacras lymphas.

## XII

Longo tempo depois feliz memora  
Nobre engenho teus feitos singulares,  
Castro, por cuja morte, afflicto chora  
Mais de hum povo nos Indicos palmares.  
Tal no oriente qual na Libya outr'ora,  
Dio vais socorrer, talhando os mares,  
E dás, libertador, vingado o filho,  
Ao nome Portuguez um novo brilho !

## XIII

Destes, e outros heroes á ingente gloria  
Dão realce afamados escriptores,  
Inscrevendo no templo da memoria  
De seu denodo os inclytos primores.  
A gentil Musa que preside á historia  
Já conta em Lysia fervidos cultores :  
Quem ha que a palma entre elles não conceda  
Ao Luso Livio, a Osorio, a Castanheda ?

\*

## XIV

Letras, sciencias, do supremo lume  
Duplice facho, emanação celeste,  
Qualquer povo, sem vós, em vão presume  
O labéo evitar de inculto, e agreste.  
Tal o Luso não é. Propicio Nume,  
Após marcios tropheos quer que se apreste  
Grecia, e Lacio, a emular nas nobres lides  
Que hão dado lustre a Homero, a Tullio, a Euclides.

## XV

Soltai na patria, prospera e tranquilla,  
Lusos vates, ao canto as doces vozes :  
A doce poesia o gosto instilla  
Do *bello*, até nos animos ferozes.  
O povo attento está : folga de ouvi-la  
Na scena deplorar casos atrozes,  
Plebeus baldões notar com vivas cores,  
Cantar armas, heroes, o campo, as flores.

## XVI

De Menandro rival, rival de Plauto,  
Lustra Vicente a scena Lusitana :  
Com chiste sempre novo, em farça, em auto,  
Em comedia, recreia e o tempo engana.  
Todos patentes faz (talvez incauto)  
Os escondrijos da malicia humana :  
He delicia dos seus, de estranhos pasmo,  
A regia corte o diga, e o grande Erasmo.

## XVII

Bem quisto do monarca, ao povo aceito,  
Miranda, probo, culto, ingenuo, e grave,  
De Platão Portuguez ganha o conceito,  
Pela pura moral, dicção sãave.  
Os thesouros que encerra o sabio peito  
Folga a todos abrir com aurea chave,  
Sem que jamais do assumpto o tom desvaire,  
Quanto escreve tem sal, siso, e donaire.

## XVIII

O Flacco Portuguez, douto Ferreira,  
O cothurno de Euripides calçando,  
Sobre os palcos de Lysia a vez primeira,  
Chora de Ignez o caso miserando.  
Segue de Moscho a florida carreira  
Bernardes, e descanta em som mais brando,  
Affectos de zagaes, folguedos, magoas,  
E do seu Lima as crystallinas agoas.

## XIX

Eis já, fadado á negra desventura,  
Cresce (Maro futuro) hum nobre infante :  
A quem doou, munifica, natura  
Lyra sonora, tuba altisonante.  
Mancebo o claro engenho exerce, apura,  
Não tardará que á patria, e ao mundo cante  
Nymphas, o Tejo, os pastoris cuidados,  
E « As armas e os Barões assignalados. »

## XX

Outros, ao som da tuba, ao som da lyra,  
 Cantam armas, heroes, nymphas, pastores ;  
 Canta infortunio atroz, ternura inspira,  
 Hum de nossos mais inclytos cantores.  
 Quem ouvindo não chora, ou não suspira,  
 Da crua sorte os barbaros rigores,  
 De que ao mundo deixou flebil memoria  
 Corte Real na miseranda historia ?

## XXI

Desdita á vossa igual a` nossa idade  
 Não viu, nem vira o seculo vetusto,  
 Illustre par, que horrenda tempestade  
 Arremeçou da Libya ao solo adusto.  
 Dos Cafres alvo á bruta feridade,  
 Após fadigas mil, continuo susto,  
 Vós co'a prole adorada em fim consome  
 O frio, a calma ardente, a sede, e a fome!

## XXII

Nem só caso tão misero relata  
 Corte Real, em lugubres accents :  
 A jubiloso canto a voz desata,  
 De esforço celebrando altos portentos.  
 Deste canto a materia, aos Lusos grata,  
 Excita, inflamma, nobres sentimentos :  
 São incentivo a marciaes primores  
 De Dio, ind'hoje, os bravos defensores.

## XXIII

No amor da fé catholica incendiado,  
 O TERCEIRO JOÃO sempre forceja  
 Por conduzir o herege, o impio descrido,  
 O Judeu, ao redil da madre Igreja.  
 Mas o zelo melhor, mal dirigido,  
 Aonde a mira põe, nem sempre alveja.  
 Do tribunal que em Lysia então se erige  
 Mil excessos ao ler, quem não se afflige?

## XXIV

Mas quem de Xavier, brazão de Hespanha,  
 Não folga ao ler a historia portentosa,  
 Por quem tanta nação remota, estranha,  
 Da evangelica luz os raios gosa?  
 Mil vezes mais que bellica façanha  
 Val do apostolo a empreza gloriosa.  
 Lusa terra alem mar guarda <sup>t</sup> seus ossos,  
 Propicio acolhe, ó Santo, os cultos nossos!

## XXV

Ao TERCEIRO JOÃO morte immatura  
 Arrebata, cruel, o filho amado,  
 O principe João, que da ventura,  
 Tinha os mimos té alli sempre logrado.  
 Morre dos annos na gentil verdura,  
 Qual tenra flor se a piza o duro arado:  
 Do mancebo infeliz, ilebil, canora,  
 Lyra do Luso Homero a perda chora.

## XXVI

Da augusta esposa de JOÃO TERCEIRO  
 Veraz historia os meritos pregoa :  
 Vê victima da morte o filho herdeiro  
 Da gloria avita, e da paterna c'rôa ;  
 Com animo á desdita sobranceiro,  
 Reprime a viva dor. Faro e Lisboa  
 De Catharina ao zelo (ao mundo exemplo)  
 Devem pias mercês, cenobio, e templo.

## XXVII

SEBASTIÃO succede em tenra infancia  
 Ao piedoso avô, que entregue o deixa  
 De Catharina á sabia vigilancia,  
 Quando em propecta idade os olhos feixa.  
 Brillam no joven rei valor, constancia,  
 Nobres dotes reaes ; só grave queixa  
 Contra seu nobre sim, mas cego arrojo  
 Sólta a historia fiel, com justo enojo.

## XXVIII

Em quanto o pio heroe em verdes annos  
 Medita, incauto a mais infausta empreza,  
 Athouguia entre os povos indianos  
 Sustenta, invicto, a gloria Portugueza.  
 Em Chaul, Gôa, Achem, doma os tyrannos,  
 Que em vão lhe oppoem ardis, força, e braveza,  
 E em tudo successor se mostra disso *no*  
 De Coutinho, Noronha, e Constantino.

## XXIX

De taes proezas, mais e mais a fama  
Ao Lusitano rei no nobre peito  
Do fervido desejo ateia a chamma  
De obrar na Mauritania hum grande feito.  
Entre Moluco e Hamet odio se inflamma,  
Que pertendem a hum throno ambos direito :  
SEBASTIÃO a maura inimicicia  
Para a facção fatal julga propicia.

## XXX

Com temerario ardor brandindo a lança,  
Nos areaes da Libya encontra a morte :  
Não lhe he dado vencer ; mas nome alcança  
De campeão da fé zeloso e forte.  
Cortada assim em flor tanta esperança,  
Chora o Luso da patria a infausta sorte,  
Vendo, alem de chorar dezar tamanho,  
Impendente á cerviz hum jugo estranho !

## XXXI

Porém antes que Lysia a antiga gloria,  
Tão fulgida até li, visse eclipsada,  
Perdido o rei, e a palma da victoria,  
De Alcaçar na miserrima jornada ;  
Varões crédores de immortal memoria,  
Não com fero arcabuz, fulminea espada,  
Mas com armas do Ceo, travam peleja  
Contra a turba rebelde á madre Igreja.

## XXXII

De toda a grei Christã correm a Trento,  
 Ardendo em zelo, innumeròs pastores,  
 A condemnar em sacro ajuntamento,  
 Sob o pastor supremo, impios errores.  
 Cedo o mundo ha de ver, e ouvir attento  
 Entre os da fé mais claros defensores,  
 Os que, com nobre ardor, no fixo prazo,  
 Manda o povo fiel do extremo occaso.

## XXXIII

Ide athletas da fé! Com auso infando,  
 E horrida furia de voraz panthera,  
 De Luthero e Calvino o duplo bando  
 As ovelhas da Igreja, impio, lacera.  
 De vós serviço, auxilio, memorando,  
 A' santa causa a patria, e o mundo espera:  
 Já vos vejo affrontar do inferno a raiva,  
 Azambuja immortal, Foreiro, e Paiva!

## XXXIV

Tu Bracharense Martyres, se tanto,  
 Te não ostentas orador facundo,  
 Reformador austero, humilde, e santo,  
 Brilhas não menos por saber profundo.  
 (Depois, largando o bago, e o rico manto,  
 Vestido de cilicio, ignoto ao mundo,  
 Findas da vida o terreal caminho  
 Em pobre claustro, no teu caro Minho).

## XXXV

Estes a Igreja escuta, estes venera  
 Mestres da fé Christã, da moral pura,  
 Quando em Trento erros mil fulmina austera,  
 Filhos do orgulho e heretica impostura.  
 Nem só seu vôo erguendo á mór esphera  
 Do divinal saber, se exerce e apura  
 O Luso engenho então: por igual medo  
 Cultiva da sciencia o campo todo.

## XXXVI

Pós Alvares, Vellez á Europa ensina  
 Aurea lingua do Lacio em versos de ouro:  
 Da Flora oriental á medicina  
 Horta revela incognito thesouro.  
 Nunes, de Urania alumro, alta doutrina  
 Dicta, c'roado de Apollineo louro:  
 Do Franco povo a flor pende dos labios  
 Dos Gouveias, de Vaz, eximios sabies.

## XXXVII

A sulcar, Pinto, ousado te abalanças,  
 Em pinea fusta, pelagos remotos:  
 Ritos contas depois, riqueza, usanças,  
 De povos, e de reis, ao mundo ignotos.  
 Colhes mór fructo, Heitor, mais gloria alcanças,  
 Aos doutos caro, e aos animos devotos,  
 Traçando em casta, flórida, linguagem,  
 Da vida do Christão a nobre imagem.

## XXXVIII

Toma HENRIQUE de Lysia o regimento  
 Rei após a catastrophe Africana.  
 Deste monarcha o são merecimento  
 Dá lustre ao solio, e á purpura Romana :  
 Mas vigor lhe fallece, e fino tento,  
 Que opponha á força, e á fraude Castelhana :  
 Frouxo governa, hesita e não decide  
 Da successão ao throno a grande lide.

## XXXIX

Saboia, Hespanha, o Vaticano, a França,  
 Parma, a vans pertençaes chamam justiça ;  
 Que huma tão rica, tão illustre herança  
 Accende em todos servida cobiça.  
 Antonio, que da plebe o voto alcança,  
 Entra, audaz contendor, na dubia liça,  
 E intrepido assoberba as hostes d'Alva,  
 Mas só fugindo, a custo, a vida salva.

## XL

Sómente Catharina ao throno vago  
 Tem jus ; porem sem força o jus que serve ?  
 De seu negro porvir quasi presago,  
 O reino entre facções se agita e ferve.  
 Por evitar da guerra o horrendo estrago,  
 Dicta prudencia então que se reserve  
 Pára sação aos Lusos mais benina  
 O brado em prol da estirpe Brigantina.

## XLI

Não sobrevive á patria moribunda  
O seu cantor sem par, o eximio vate,  
A quem privada magoa, a mais profunda,  
Nunca doma o vigor, a mente abate.  
A' vida em duros trances tão fecunda  
Desventura geral pôe o remate.  
Camões da cara patria o fado corres.  
Florece? Vives. Perde a gloria? Morres!

## XLII

O desditoso reino, afflicto, exausto,  
Contra estranho poder não tem defeza:  
Com violencia, engano, e altivo fausto,  
Opprime o Hispano a gente Portugueza.  
Doze lustros sujeita ao jugo infausto,  
O lustre antigo, a prospera riqueza,  
Vai perdendo, e recebe em toda a parte  
Insultos cem do Batavo estandarte.

## XLIII

Não se ufane porém desses insultos  
O Batavo feroz; que o Luso brio  
Não soe ultrages taes deixar inultos,  
Nem seu nobre furor será tardio.  
Não jazem, não, inamines, sepultos,  
Com a perda do antigo poderio,  
Todos de Lysia os filhos. Eis Furtado,  
Que só por muitos vale, em campo armado.

## LXIV

De Jafanapatão derrota, e mata  
 Ó soberboso rei : combate a liga  
 Do Batavo, e do Mouro, e desbarata,  
 Malaca defendendo, a força imiga.  
 Vence Cunhales, barbaro pirata,  
 Que com supplicio extremo enfim castiga :  
 Terror de Belgas, Turcos, Malabares,  
 Morre o *grão capitão*, fendendo os mares.

## XLV

Tres Filippes, em ordem successiva,  
 Contra a lei, dictam leis no reino Luso :  
 Novas iras, inflamma, odios aviva,  
 Do poder usurpado o fero abuso.  
 Lysia, outr'ora nação potente, e altiva,  
 Geme ao ver-se sujeita ao mando intruso ;  
 Qual o Hebreu, quando exhala as ternas queixas  
 Na terra Assyria, em lugubres endeixas.

## XLVI

Antonio, longe então do patrio solo,  
 Por conquistar o solio em vão forceja :  
 Qual piloto infeliz, toldado o polo,  
 Sem bussola, á ventura erra, e veleja.  
 Opprime estranho jugo á patria o collo :  
 Luctar que val em tão dispar peleja ?  
 Fallece ao pertensor estranho auxilio,  
 Seus dias finda pobre em triste exilio.

## XLVII

Amarguras do triste captiveiro  
Das letras a cultura em parte adoça :  
Castro celebra o fundador primeiro  
Da excelsa capital da patria nossa :  
Do bom pastor o typo verdadeiro  
(Raro haverá quem igual-lo possa !)  
Com estylo sem par, nobre e jocundo,  
He por Sousa indicado á Igreja, e ao mundo.

## XLVIII

Brito, Andrade, Brandão, Faria e Couto,  
Consagram todo á patria o claro engenho :  
Folga o povo que os lê, torna-se afouto,  
Em breve ha de mostra-lo em nobre empenho.  
Narra Lucena ao sabio, e ao vulgo indouto,  
Com mór primor no estylo, e no desenho,  
As do grão Xavier té alli não vistas  
A bem da fé Christã sanctas conquistas.

## XLIX

Mais minaz cada vez, e mais medonho,  
Se mostra em Lysia o turbido horizonte :  
Eis de repente amostra o sol rizonho,  
Dissipado o negrume a léda fronte.  
Qual quem desperta, em fim d'horrido sonho,  
Em que vira o Cocyto, o Phlegetonte,  
Ou a tetra imagem do infernal verdugo,  
O Luso vê quebrado o ferreo jugo.

## L

« Viva o QUARTO JOÃO, do throno herdeiro »  
Troço de heroes em Ulyssea brada :  
« Viva João » repete o reino inteiro  
Subito exulta a patria restaurada.  
Contra o risco de novo captiveiro  
He segura fiança a Lusa espada :  
O novo rei, com salutar conselho,  
Rapido apresta o bellico apparelho.

## LI

Com varonil esforço esforça á lide  
A esposa de João os Lusos peitos,  
Quando elle, antes perplexo, em fim decide  
Vindicar pela força os seus direitos.  
O libertado povo agora envide  
Os mais fortes heroes á guerra afeitos...  
No marcio jogo em breve ao mundo todo  
Provas dará de indomito denodo.

## LII

Dos feitos com que então se immortaliza  
O valor Luso em perénal memoria,  
De Gusmão cabe á inclyta Luiza  
Não pequeno quinhão na immensa gloria.  
Vilhena assim não menos se abaliza,  
Nem menos brilha, e brilhará na historia ;  
Os filhos arma, e os vê, tranquilla e forte,  
Da patria em defensão correr á morte.

## LIII

Suffocar tenta Hespanha o brado altivo,  
E move embalde innumeras cohortes,  
Que apagar não lhe he dado o fogo activo  
Pelo amor patrio accêso em peitos fortes.  
O Luso, com ardor mais e mais vivo,  
No Hispano solo espalha estragos, mortes ;  
Que he digno de ser livre ao mundo amostra,  
E as forças do oppressor opprime e prostra.

## LIV

De Montijo na horrisona batalha  
Contraria sorte os nossos atropela :  
Tomados os canhões, terror espalha  
No Luso campo a gente de Castella.  
Mas prestes Albuquerque o damno atalha,  
Os mais fortes armigeros debella,  
Persegue as hostes tremulas, confusas,  
E dá plena victoria ás Quinas Lusas.

## LV

E não deve sómente á espada, á lança,  
A' plumbea pella, a patria o seu resgate :  
Em prol della, e da estirpe de Bragança,  
Quem o plano traçou, quem deu rebate ?  
Ribeiro gloria igual á gloria alcança  
De heroe que lucha em marcial combate ;  
Qual tu tambem que outr'ora o jus denegas  
A Beatriz em Lysia, ó nobre Aregas.

## LVI

Tambem defende a patria, e o Rei nativo,  
Do Demosthenes Luso a voz, e a penna,  
Inda que com ardor não menos vivo,  
Lucta Vieira em mais sagrada arena.  
Nos dois mundos, de Deos Ministro activo,  
Com dicção pura, grave, ornada, amena,  
Encanta, ensina, e move, o sabio, e o rude,  
Fulmina o vicio, exalta a sã virtude.

## LVII

Em quanto o reino á furia Castelhana,  
Em campo aberto, impavido resiste,  
Das victorias da gente Lusitana,  
Tremendo, altiva Hollanda, a fama ouviste.  
Empolgaras na terra Americana,  
Em sação para o Luso infausta e triste,  
Rica preza, ó Nassau ; tu Sigismundo,  
A largarás volvendo ao velho mundo.

## LVIII

Do novo Luso mundo a illustre prole,  
Com a prole de Lysia em santa liga,  
Do Batavo poder afronta a mole,  
Ambas iguaes na bellica fadiga.  
« Nas torres do Brazil não mais tremole  
« Da nossa santa cruz bandeira imiga :  
« Tão nobre terra a Deos e a nós pertence »  
Barreto exclama, e pugna, assalta e vence.

## LIX

Pugna em duros recontros repetidos,  
Nem só ganha laureis de esteril gloria,  
Sem temer do leão feros bramidos,  
Lhe arranca a preza co'a final victoria.  
Socios na grande empreza esclarecidos,  
Vieira e Vidigal, na Lusa historia  
Tereis de encomios fulgida corôa,  
E Camarão comvosco e Figueirôa.

## LX

Nem tão só no Brazil, das sanctas Quinas  
Novamente o pendão, feliz, tremola :  
Fim põe o Luso ás Batavas rapinas,  
E em nova lucta brilha e se acrysolá.  
A cerviz, Rei do Congo, humilde, inclinas ;  
E tu, livre do Belga, ardente Angola,  
De Salvador Corrêa as leis recebes,  
E a celeste doutrina, ávida, bebes.

## LXI

Alvo do Anglo furor, á foz do Tejo  
Vem dois moços reaes buscar abrigo :  
Para a preza que anhela, armar-se vejo  
Bando dos reis acerrimo inimigo.  
João lhe frustra o barbaro desejo  
E a Mauricio e a Roberto, em tal perigo,  
Contra os insultos da facção sanhuda  
Seguro asylo dando, os guarda e escuda.

## LXII

De goivos, e jasmims, lirios, e louros,  
Hum tumulto juncar quizera agora :  
N'hum Principe esgotara os seus thesouros  
O ceo, mas cedo a patria o perde e chora.  
O Ausonio cisne em versos vivoiros  
De Marcello o agro fim carpira outr'ora :  
Theodosio iguaes merece encomios, pranto,  
Luso vate lhe sagre hum doce canto !

## LXIII

Ao rei *restaurador* hum rei succede  
De fraco coração, de mente inerte,  
Que em juvenis prazeres se desmede,  
Sem que o marcio clarim seu brio esperte.  
Mais vigoroso chefe a patria pede,  
Que em torna-la feliz medite, e acerte :  
Deposto, o SEXTO AFFONSO, da desgraça,  
No exilio, ou preso, esgota a plena taça.

## LXIV

Mas em quanto inda em placido remanso,  
Rei, por outrem regido, em Lysia impera,  
Não se entorpece o Luso em vil descanso,  
Nem do valor os impetos modera.  
Com estupendo arrojo em mais de um lança  
Arrosta, rende, e doma a furia Ibera :  
Vossos nomes no Pindo aos astros suba,  
Magnanimos varões, Homerea tuba !

## LXV

Sim só do Cisne Ismenio a voz canora  
Devera, ou tuba altisona Meonia,  
Os heroes celebrar que ostenta agora  
Lysia, a par dos da Grecia, e antiga Ausonia :  
Mas ronca seja minha voz embora,  
Nem meus labios banhasse a lympha Aonia,  
Pregôe ao menos de valor modelos  
Jaques, Sancho, Menezes, Vasconcellos.

## LXVI

Elvas, Ameixial, Castel Rodrigo,  
Theatro illustre sois de nobres feitos :  
Regio heroe entra em Lysia, e sero imigo,  
Bravos soldados manda á guerra afeitos :  
Avança, Evora toma, e diz consigo :  
« Eis domados emfim os Lusos peitos. »  
Mas colhe desse ardor fructos amaros ;  
E Caracena iguaes em Montes Claros.

## LXVII

Honra, e lustre immortal ao varão forte,  
Que seu rei defendendo, e os patrios lares,  
Com sereno semblante encara a morte,  
De cru combate em horridos azares !  
Gloria igual a quem tem por fixo norte,  
Das discordias civis nos turvos mares,  
A lealdade só, e em risco summo,  
Nem revela temor, nem torce o rumo !

## LXVIII

Perdido o throno, a esposa, a liberdade,  
 Geme em total olvido o rei deposto,  
 Torpe infracção dos foros da amizade  
 De AFFONSO agrava o triplice desgosto ;  
 Só á que julga intrusa potestade  
 Não inclina a cerviz, mudando o rosto,  
 Nem o affecto leal, no exilio, esconde,  
 De Castello Melhor o eximio Conde !

## LXIX

Do SEXTO AFFONSO, desgraçado em tudo  
 (Salvo de seus heroes no ardor mavorcio),  
 Cumpre ao Luso fiel, sabio, e sisudo,  
 Deplorar o não prospero consorcio.  
 Que vale perscrutar com longo estudo  
 Os fundamentos do fatal divorcio ?  
 Ao mais feliz irmão, seguindo a sorte,  
 Francisca de Nemours se une consorte.

## LXX

PEDRO SEGUNDO á lucta gloriosa  
 Põe termo em prol da causa Lusitana,  
 Quando Castella, em armas desditosa  
 Por lustros cinco, em fim se desengana.  
 Então da paz o Luso os fructos gosa,  
 Té que d'Austria em favor, na lide Hispana,  
 Não se esquivando ás bellicas fadigas,  
 De novo afronta as hostes inimigas.

## LXXI

Mas antes que na Hesperia desparzisse  
Civil discordia seu lethal veneno,  
E que de sangue, impavido, tingisse  
O Gall'Hispano o Hispanico terreno,  
Dispoz o ceo que PEDRO compellisse  
Em Ceuta e Orão á fuga o Sarraceno,  
Ajudando a evitar desaire e damno  
O Luso rei ao rei do povo Hispano,

## LXXII

Hispana gente, entre as nações do mundo  
Qual outra é mais que tu, valente e clara?  
Combatendo, ou sulcando o mar profundo,  
Qual mais firme o perigo, e a morte encara?  
Ganhada após conflicto furibundo,  
Nobre conquista, a liberdade cara,  
Em ti vê Lysia hum povo irmão e amigo,  
Salve, e feliz conserva o lustre antigo!

## LXXIII

PEDRO SEGUNDO, a quem cruel destino  
Após a esposa cara a filha tolhe,  
No Neoburgense ramo Palatino  
Nova consorte, venturoso, escolhe.  
Influxo em tal escolha houve divino,  
Que della o reino inteiro os fructos colhe.  
He Sophia Princeza em tudo egregia,  
Fecunda, e terna mãe, de prole regia.

## LXXIV

Não só de PEDRO ao florido reinado  
 Dão lustre a paz, e as bellicas proezas :  
 Da milicia de Christo heroe soldado,  
 Brito, o decora por Christans empresas.  
 Mil e mil deste Luso ouvindo o brado,  
 Que seus erros condemna, e vis torpezas,  
 No vasto Madurey se vão curvando  
 Da lei do sancto amor ao jugo brando.

## LXXV

Da boa nova arauto, immanas terras,  
 Prégando, illustra o Luso peregrino ;  
 Sulca o mar, brenhas rompe, atrepa serras,  
 Dá-lhe forças e esforço, o amor divino.  
 Brito, por Deus, da patria te desterras,  
 Tens na patria celeste o premio dino :  
 Se fero algcz pagão te arranca a vida,  
 Lá tens no empyreo a palma merecida !

## LXXVI

Eis o QUINTO João o sceptro empunha,  
 Que na pompa e esplendor do culto santo,  
 Salomão Portuguez, seu timbre punha,  
 Digno de fama eterna em doce canto.  
 Com pasmo a Europa vê (pois não suppunha,  
 Que um Lusitano Rei podêsse tanto)  
 Os que elle erige excelsos monumentos,  
 Quasi iguaes aos de Roma altos portentos.

## LXXVII

Em Mafra, á sua voz erguida vejo  
 (Cenobio, alcaçar, templo) immensa mole,  
 Quando o ceo cumpre hum fervido desejo,  
 E adita o reino, e o Rei com regia prole.  
 Eis á rainha do sereno Tejo,  
 Porque secca infeliz não a desole,  
 Lá vem, do seio dos visinhos montes,  
 Torrente d'agua alimentar as fontes.

## LXXVIII

A Carlos, pertensor do solio Ibero,  
 João auxilio dá com sorte varia,  
 Sempre leal, munifico, e sincero,  
 Inda quando fortuna acha contraria ;  
 E quando no mar Jonio o Turco féro,  
 Move á gente Christã guerra nefaria,  
 Ao barbaro infiel não dando corro,  
 Manda a Corfú prontissimo socorro.

## LXXIX

Do Tejo eis sahe ufana a Lusa armada :  
 Ei-la em frente do Turco em linha posta —  
 De grossos galeões ei-la cercada —  
 De todos sem temor a furia arrosta.  
 A Musulmana frota, destroçada,  
 Demanda em fuga a Pelopeia costa :  
 A Italia canta assim, deposto o medo,  
 Fausto epinicio em festival folguedo.

## LXXX

Oito lustros Attalicos thesouros  
 O magnanimo rei logra ditoso,  
 Mais que tropheos prezando, e marciós louros,  
 D'aurea paz o remanso deleitoso.  
 Não tão só para si — para os vindouros  
 Reis da Lusa nação — titulo honroso  
 Ganha, que entre os Christãos seu zelo abona  
 Pela fé, de que servido blazona.

## LXXXI

De sangue imperial gentil Princeza  
 Do munifico Rei se assenta ao lado,  
 E firme, e sabia, a gente Portugueza  
 Rege, mais de huma vez, por seu mandado.  
 Não esquece jamais na summa alteza  
 Do pobre a triste sorte, e o bem do estado:  
 De Marianna d'Austria o nome e a gloria  
 Vivem, e hão de viver na Lusa historia.

## LXXXII

Sobe JOSE' PRIMEIRO ao throno augusto,  
 Mil abusos reforma em tempo breve:  
 Do terremoto horrendo o damno, o susto,  
 Providente restaura, e faz mais leve.  
 A' escolha deste Rei, sagaz e justo  
 Estimador do merito, se deve  
 Ministro sem igual, mas cujos fastos.  
 Dias memoram lugubres nefastos.

## LXXXIII

Horrida trama a preciosa vida  
 Ao Lusitano Rei roubar intenta,  
 Que por favor celeste he defendida.  
 Contra furia infernal, sangui-sedenta.  
 Folga o Luso fiel vendo vencida  
 A nefanda traição ; porem lamenta  
 De tantos, e taes, reos extremo exicio  
 O atroz rigor do barbaro supplicio (a).

## LXXXIV

Mil campeões, nos inclytos certames  
 Sempre esforçados da Christã milicia,  
 Proscriptos vejo então. Monstros infames  
 São talvez de satanica nequicia?  
 Grande Carvalho, embora ao mundo clames,  
 Que aos thronos são fataes, e á sã policia ;  
 Antes que affirme tal, de alento á mingoa.  
 Fique em silencio eterno a minha lingoa.

(a) Como muitos não admittem a existencia da conspiração indicada nesta oitava, a esses taes o auctor offerece a seguinte substituição :

Nocturno assalto a preciosa vida  
 Do Lusitano Rei põe em perigo,  
 Que contra a furia barbara homicida  
 Na protecção celeste encontra abrigo.  
 Se foi a trama trama regicida,  
 Se de todos os reos justo o castigo,  
 Problemas são: a critica sensata  
 Inda agora perplexa, os não desata.

## LXXXV

Qual passageira nuvem carregada,  
Que ao sol encobre o luminoso disco,  
Prestes desfaz-se, em chuvas desatada,  
Após crebro trovão, raio, e corisco ;  
Tal em Lysia, onde reina a paz dourada,  
Apenas se presente o grave risco,  
A guerra mostra a negra catadura,  
Mas cedo com a paz volta a ventura.

## LXXXVI

Que ao damno ulterior o grão ministro  
Consegue que o reparo se anticipe ;  
Eis já, deixando a patria, e as margens do Istro,  
Demanda a foz do Tejo o claro Lippe.  
Do Borbonio pacto, a nós sinistro,  
Faz que todo o receio se dissipe,  
Que o Luso a estranho ataque oppõe seguro  
Do esforço e disciplina o bronzeo muro.

## LXXXVII

Carvalho em breve espaço assim repelle  
Fera invasão do Hispano poderio :  
Quem ha que por manter mais lide e vele  
Illeso, e pleno, o patrio senhorio ?  
Que no seio da paz mais vingue e zele  
O commum interesse, o Luso brio,  
Sem que do Anglo poder o dome, ou torça,  
O prepotente orgulho, e a enorme força ?

## LXXXVIII

O ocio, a inercia vil, banir procura,  
Luso Colbert, da terra Portugueza,  
Que não sómente a marcial bravura  
Dos reinos firma a solida grandeza.  
Honra o commercio, a industria, a agricultura,  
Fontes caudaes da publica riqueza,  
E quer que com ardor, por varios modos,  
Para a dita geral concorram todos.

## LXXXIX

Ao Ilisso, ao Asopo, ao Tibre, ao Sena,  
Pouco já tem que inveje o Tejo, e o Douro :  
Sopra ás lettras propicia aura serena,  
Ao sabio a fronte cinge o verde louro.  
Dás a louca ambição condigna pena,  
Cantas heroes ao som da lyra de ouro,  
De Pindaro rival no estro divino,  
E de Boileau na graça, ó grande Elpino.

## XC

De doce eloquio, aos astros remontado,  
Devolve Elpino rapida torrente :  
Garção, doce cantor, menos ousado,  
Commoye os corações, illustra a mente.  
Ao rio ameno que fecunda o prado,  
Mormurando com placida corrente  
(Qual não longe da fonte o Tigre, ou o Nilo)  
Deste vate semelha o nobre estylo.

## XCI

Nem tão sómente Lysia então dedica  
 Fervente culto a vós, gentis Camenas ;  
 A's graves disciplinas não se applica  
 Com menos vivo ardor que ás mais amenas.  
 Em todo o bom saber se ostenta rica,  
 Do mui longo turpor sahida apenas,  
 Salve, doutos varões, por quem fulgente  
 Luz da sciencia o facho á Lusa gente !

## XCII

De artificio Dedaleo hum Phidias Luso  
 A Lysia lega em bronze hum monumento :  
 Suppre engenho inventivo a mingoa de uso,  
 O Bram Costa e Machado alto portento.  
 Ministro de um monarca em dons profuso,  
 Se ás lettras dás, Pombal, secundo alento,  
 Em proteger não menos te desvelas,  
 Os misteres fabris, e as artes bellas.

## XCIII

Por teu esforço e zelo, em breves annos,  
 Da sem igual catastrophe espantosa,  
 Reparados de todo os mores damnos  
 Vira a Lusa metropole famosa.  
 D'entre as ruinas, por teus sabios planos  
 Surgindo assim mais bella e magestosa,  
 Teu nome exalta, e grata te pregò  
 Seu novo fundador a grão Lisboa !

## XCIV

Ao Rei reformador formosa e pia  
Esposa o ceo concede, aos Lusos cara,  
Que no terror que todos opprimia  
Mostra, em risco geral, firmeza rara.  
Marianna Victoria em Deos confia:  
Elle a guarda: ella grata o pobre ampara,  
E ao Calabrez Francisco portentoso,  
Devota, erige templo magestoso.

## XCV

Estirpe varonil ao regio thoro,  
Surdo a preces, o ceo negado tinha:  
MARIA reina: a fama em som canoro  
Publica os dotes da immortal Rainha.  
Mantem do throno o rigido decoro,  
Sancto zelo seus passos encaminha,  
E cauta poupa, em tempos aziagos,  
Ao solo patrio os bellicos estragos.

## XCVI

Mas aos pactos fiel, luzido envia  
Auxilio contra o Gallo ao Rei da Iberia:  
Sempre constante, a Lusa valentia  
Dá dos vates ao canto ampla materia.  
Os Pyreneos em marcia galhardia  
Vêem a prole brilhar da nobre Hesperia;  
Porem na féra lide (Hespanha o sabe)  
O mór quinhão de gloria aos Lusos cabe.

## XCVII

MARIA outorga ás lettras, á sciencia,  
Em proveito commum, favor, amparo,  
E deixa de real munificencia  
Mais de um padrão aos posteros preclaro.  
Eis Lafões, pondo termo a longa ausencia,  
Volve á patria, e a Minerva, e ás Musas caro,  
Sob auspicio real (stimulo e premio)  
Os sabios honra e ajunta em nobre gremio.

## XCVIII

Assim MARIA, provida, dirige  
Ao porto da ventura a não do estado ;  
Ao culto divinal templos erige ;  
Prodíga aos pobres maternal cuidado :  
Quando eis golpe cruel seu peito afflige..  
Perde Pedro piedoso, o esposo amado,  
De virtudes Christãs modelo egregio,  
Que a seu lado occupava o solio regio.

## XCIX

Perde a José tambem, que em verde idade  
Aos Lusos dando altissima esperanza,  
Deixa a todos de si justa saudade,  
E ind'hoje vive na geral lembrança.  
Assim reserva a Eterna Potestade  
Ao Infante João a regia herança,  
A João, que do reino unido e inteiro  
Veio a ser o monarca derradeiro.

## C

Do sangue dos Bourbons progenie Hispana,  
 Carlota por esposa, infante, houvera,  
 Que no tracto dos seus benigna e lhana  
 Do genio altivo os impetos modera.  
 (A popular facção quanto se engana  
 Se empregandó o terror, doma-la espera!  
 Com firmeza ha de ve-la em triste encerro  
 A sentença escutar do seu desterro).

## CI

A MARIA saudosa um morbo lento  
 A mente abate, e as forças lhe quebranta:  
 João por ella ao leme acode attento,  
 Na procella cruel que se alevanta.  
 Do heroe da Gallia ao bellico hardimento  
 Oppõe tanto vigor, prudencia tanta,  
 Que se frustram ardis, planos astutos,  
 E da paz logra Lysia os doces fructos.

## CII

O commercio prospéra, a industria activa  
 Protegida florece, e mais se apura;  
 Entre os jovens do estudo o ardor se aviva,  
 Cresce a riqueza, e a publica ventura.  
 As lettras Araujo ama, e cultiva,  
 Das artes todas desvelado cura;  
 Mello (qual fôra outr'ora ao mundo nota)  
 Luzida ostenta e forte a Lusa frota.

## CIII

Dita flórida sim, mas dita breve !  
Subito o Gallo invade a Lusa terra,  
Porque céga ambição contente e ceve  
Com tropheo facil de aleivosa guerra.  
João que a tanto risco expor não deve  
A prole, e a genitriz, eis se desterra,  
Asylo vai buscar n'outro hemispherio,  
E as bazes lança de futuro imperio.

## CIV

Da Santa Cruz no solo assenta o throno,  
Sobe o Brazil illustre a mór alteza ;  
Esclarecido principe, e patrono  
Delle promove a solida grandeza.  
Ao Corso não valera astucia, entono :  
Colher não pôde a cubiçada preza,  
Raivoso treme, e, com ferina sanha,  
O reino assola em triplice campanha.

## CV

Não desmaias, ó Luso, em tanto aperto,  
Nem ao jugo odioso o collo inclinas :  
Com valor singular, com sabio acerto,  
A respeitar teu solo o Gallo ensinaás.  
Com Albion n'um intimo concerto,  
Dás nobre exemplo ás gentes Iberinas :  
Em vão para domar-te, eis vem do Sena,  
Derrotado Junot, Soult, e Massena.

## CVI

Depois que, defendendo a grão Lisboa,  
Do vencedor d'Ésling o fasto abates,  
Desde as margens do Tejo ao Bidassoa,  
Sustentas bravo innumerados combates.  
Sempre que o cavo bronze horrendo troa,  
A furia Franca intrepido rebates :  
Burgos só te constringe, altiva e forte,  
A provar o rigor de iniqua sorte.

## CVII

Mas prospera de novo, e então constante,  
Torna fortuna a militar contigo :  
O Gallo encalças, com feroz semblante,  
Buscando os lances de maior perigo  
Nos campos de Victoria o vês diante  
Prompto á peleja, acerrimo inimigo :  
De ignivomos canhões estrondo crebro  
'Sparge em torno o terror nas margens do Ebro:

## CVIII

Após sanguenta lucta porfiada,  
Ao Luso e Anglo valor cedem vencidas  
Em campal, celeberrima, jornada,  
De Bonaparte as hostes destemidas.  
Impedir já não póde a hostil entrada  
Jourdan ás forças das nações unidas :  
Em vão se tenta á triumphal carreira  
Nos Pyreneos, no Nive, oppor barreira.

## CIX

Rompe toda a barreira em breve espaço  
O vencedor exercito : renova  
Cada dia a peleja : abrem-lhe o passo  
Tenaz esforço e feitos de alta prova.  
Em Orthez se assignala o Luso braço :  
Toda Europa alvoroça alegre nova :  
Já tremola em Bordeos, com fausto agouro,  
O candido pendão dos lizes de ouro.

## CX

Agradeça o Borbon, inda exilado,  
Aos Anglo-Lusos o felice evento ;  
Que elles deram então ao nobre brado,  
Nas margens do Garonna, impulso e alento,  
Mas inda estava aos Lusos reservado  
Hum novo esforço, hum novo vencimento :  
A bandeira das Quinas gloriosa  
Eis ondeia nos campos de Tolosa.

## CXI

Soult, o bravo caudilho, embalde emprega  
Os recursos do genio, os da bravura :  
De Bonaparte á causa o ceu denega  
Todo o favor e pristina ventura.  
Em troco de hum imperio, a Europa entrega  
Ao grande heroe vencido (altiva e dura  
Depois que da ambição lhe açaima a furia)  
Hum quasi ignoto ilheo no mar da Etruria.

## CXII

Após tanta fadiga, acções tão bellas,  
Volvei ao som d'applausos, e cantares,  
C'roados de immortaes laureas capellas,  
Dignos filhos da patria aos patrios lares !  
Ella em carmes procure, em bronze, em telas,  
Dar brilho eterno aos feitos singulares,  
Com que igualado haveis nas lides feras  
O Luso alto valor de antigas eras.

## CXIII

Mas não permita o ceo, que a Lusa gente  
Tanto por patrio amor se offusque e cegue,  
Que á inclyta Albion, feliz, potente,  
De justa gratidão tributo negue !  
Louvor ao capitão sabio, e valente,  
Sob quem tanta gloria assim consegue !  
Louvor ao grande heroe terror do Corso,  
Prodigio de conselho, e marcio esforço !

## CXIV

De Beresford o nome aos Lusos caro,  
Ha de sempre soar ; inda hoje ensina  
Do caudilho Britanno o exemplo raro  
Em Portugal a marcia disciplina.  
Wellington immortal desluz preclaro  
A prisca fama hellenica, e latina,  
Deixando unida, em perennal memoria,  
A' gloria d'Ilion a Lusa gloria !

## CXV

Nas margens do Danubio eis se convoca,  
Regulador da paz, congresso augusto :  
Reinos divide, tira, entrega, ou troca,  
Oppostas pertenções compõe a custo.  
Mais de hum queixoso clama, o jus invoca,  
E accusa o tribunal de pouco justo ;  
Mas ao menos lugar não se recusa  
Entre as grandes nações á nação Lusa.

## CXVI

Erguem da patria em prol, nesta assembléa,  
Tres ministros de Lysia a voz facunda.  
Tal o Luso na paz brilha, e campêa,  
Qual brilhara na guerra furibunda.  
Déra a dois desses tres berço Ulyssêa,  
Em illustres varões sempre fecunda ;  
Deu sepultura a dois — Saldanha e Sousa —  
Cobre os restos de Lobo estranha lousa —

## CXVII

Cinge o SEXTO João do imperio avito,  
Morta MARIA, a triplice corôa,  
Quando, após o geral, feroz conflicto,  
Os canticos da paz a Europa entôa :  
Mas não regressa ao Tejo o Luso Tito,  
E nas margens do Douro um brado sôa,  
Que novas leis reclama, e altivo e ovante,  
Retumba álem do mar do Mauro Atlante.

## CXVIII

O universal clamor benigno escuta  
O desejado Rei, e á patria volve :  
Mas o orizonte mais e mais se enlucta,  
Erynnis sacros vinculos dissolve.  
Vejo irmãos contra irmãos, que em féra lucta  
Civil discordia miseros envolve !  
Persegue o Luso ao Luso, a fogo e ferro...  
A taes scenas, afflicto, os olhos cerro.

## CXIX

Os olhos cerro, e o coração levanto  
A Deos, ao Rei dos reis, que humilde adoro :  
Delle o favor superno, auxilio santo,  
Alçando a debil voz, submisso imploro.  
Verteu-se assaz de sangue, assaz de pranto,  
Nas discordias civis, que calo, e choro,  
Agora a paz fecunda em dons, em mimos,  
Brote em Lysia, quaes soe, fructos opimos !

## CXX

Vós nova geração, que inda os effeitos  
Sentindo estaes das luctas intestinas,  
Segui, christãos, á Lei e ao Rei, sujeitos,  
Do Evangelho de Christo as sans doutrinas.  
Avivar procurai com nobres feitos  
O pristino fulgor das Sanctas Quinas,  
E no seio da paz, da mesma sorte,  
Tende o publico bem por fixo norte !

The first part of the history is a general account of the state of the country at the beginning of the reign of King Henry the Second. It describes the various provinces and the different manners of the people. It also mentions the wars which were then going on between the king and the nobles.

The second part of the history is a particular account of the reign of King Richard the First. It describes the various adventures and exploits of this king, and the manner in which he was killed in the Holy Land.

The third part of the history is a particular account of the reign of King John. It describes the various wars which he fought, and the manner in which he was killed in the Holy Land.

# INDICE ALPHABETICO

DOS SRs.

## REIS E RAINHAS DE PORTUGAL,

E DOS

### PERSONAGENS E ESCRIPTORES PORTUGUEZES

DE QUE SE FAZ MENÇÃO NESTE OPUSCULO.



*N. B.* O numero romano indica o Canto, o algarismo que se lhe segue denota a oitava, *N.* quer dizer nasceu, *A.* foi acclamado ou subiu ao throno, *F.* falleceu.

AFFONSO. I. 20. — O Sr. D. Affonso Henriques, 1.<sup>o</sup> Rei de Portugal. *N.* (segundo a opinião mais commum) em 1109. *A.* (tambem segundo a opinião mais seguida) em 1139. *F.* em 1185.

AFFONSO. I. 38. — O Sr. D. Affonso II, 3.<sup>o</sup> Rei. *N.* 1185. *A.* 1211. *F.* 1223.

AFFONSO. I. 49 — O Sr. D. Affonso III, 5.<sup>o</sup> Rei. *N.* 1210, *A.* 1223. *F.* 1279.

AFFONSO. I. 60. — O Sr. D. Affonso IV, 7.<sup>o</sup> Rei. *N.* 1291. *A.* 1325. *F.* 1357.

AFFONSO. I. 86. — O Sr. D. Affonso V, 12.<sup>o</sup> Rei. *N.* 1432. *A.* 1438. *F.* 1481.

AFFONSO. II. 63. — O Sr. D. Affonso VI, 22.<sup>o</sup> Rei. *N.* 1643. *A.* 1656. *F.* 1683.

AFFONSO. I. 96. — O Principe D. Affonso, Filho do Sr. Rei D. João II.

ALBUQUERQUE. I. 104. — Affonso d'Albuquerque com razão cognominado o *Grande*, Governador da India

ALBUQUERQUE. II. 54. — Matthias de Albuquerque Governador das armas no Alemtéjo no principio d guerra da acclamação.

ALDONÇA. Veja-se *Dulce*.

ALMEIDAS. I. 103. — Hum he D. Francisco de Almeida, Vice-Rei da India; outro D. Lourenço de Almeida, seu filho, ambos immortaes pelo seu valor e heroicas proezas.

ALVARES. II. 36. — O Padre Manoel Alvares, Jezuita, celebre pela Grammatica Latina que compoz.

ANTONIO. I. 44. — Santo Antonio, o Thaumaturgo Portuguez.

ANTONIO. II. 39. — O Prior do Crato, pretendente á corôa pelo fallecimento do Sr. Cardeal Rei.

ARAUJO. II. 102. — Antonio de Araujo e Azevedo. Conde da Barca, illustrado estadista, ministro do Sr. D. João VI quando regente.

AREGAS. II. 55. — O Dr. João de Aregas, ou das Regras, jurisconsulto, que muito concorreu para o Sr. D. João I ser elevado ao throno.

ATHOUGUIA. II. 28. — D. Luiz de Athaide, Conde de Athouguia. Duas vezes Vice-Rei da India, e nella reparador da gloria Portugueza.

AZAMBUJA. II. 33. — Fr. Jeronymo de Azambuja. Religioso Dominicano, insigne theologo e expositor.

AZURARA. I. 95. — Gomes Annes de Azurara. Foi o segundo Chronista de Portugal.

BARRETO. II. 58. — Francisco Barreto de Menezes. Hum dos generaes que mais se distinguiram no Brazil contra os Hollandezes.

BERNARDES. II. 18. — Diogo Bernardes. Poeta muito suave e distincto no genero pastoril.

BORBA. I. 95. — O Conde de Borba, Fernão Mas-

carenhas, que assignalou o seu valor nas guerras de Africa.

BRANDÃO. II. 48. — Fr. Antonio Brandão, Chronista, continuador da *Monarchia Lusitana*, de Fr. Bernardo de Brito.

BRIGANTINO (Duque). I. 93. — D. Fernando, Duque de Bragança, justigado em Evora.

Brites. I. 52. — A Sr.<sup>a</sup> D. Brites, 2.<sup>a</sup> Mulher do Sr. Rei D. Affonso III.

Brites. I. 64. — A Sr.<sup>a</sup> D. Brites. Esposa do Sr. Rei D. Affonso IV.

BRITO. II. 48. — Fr. Bernardo de Brito, Monge de S. Bernardo, Chronista do Reino, auctor da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Parte da *Monarquia Lusitana*.

BRITO. II. 74. — O Beato João de Brito. Jesuita, Martyr no Madurey.

CABRAL. I. 78. — Gonçalo Velho Cabral. Descubridor da Ilha de Santa Maria, huma dos Açores.

CABRAL. I. 103. — Pedro Alvares Cabral. Descubridor do Brazil.

CABRAL. II. 9. — Jorge Cabral. Governador da India.

CAMARÃO. II. 59. — Valente soldado na guerra de Pernambuco contra os Hollandezes.

CAMÕES. II. 41. — Luiz de Camões, o grande epico e Principe dos Poetas Portuguezes.

CARLOTA. II. 100. — A Sr.<sup>a</sup> D. Carlota Joaquina de Bourbon. Esposa do Sr. Rei D. João VI.

CARVALHO. II. 84. — Sebastião José de Carvalho e Mello, Conde de Oeiras e Marquez de Pombal. Celebrissimo estadista.

CASTANHEDA. II. 12. — Fernão Lopes de Castanheda. Historiador do Descobrimento da India.

CASTELLO-MELHOR. II. 68. — João Rodrigues de Vasconcellos, Conde de Castello-Melhor. Habil mi-

nistro, e celebre pela sua fidelidade ao Sr. Rei D. Affonso VI.

CASTRO. I. 60. — D. Ignez de Castro. Infeliz esposa do Infante D. Pedro, depois Rei de Portugal.

CASTRO. I. 109. — Hortensia Castro. Nobre donzella muito instruida, que esteve ao serviço da Infanta D. Maria, filha do Sr. Rei D. Manoel.

CASTRO. II. 12. — D. João de Castro. Vice-Rei da India, celebre pelas victorias que nella ganhou, e pelo soccorro que deu á cidade de Dio.

CATHARINA. II. 26. — A Sr.<sup>a</sup> D. Catharina. Esposa do Sr. Rei D. João III.

CONSTANÇA. I. 61. — D. Constança 1.<sup>a</sup> Esposa do Infante D. Pedro, Filho do Sr. Rei D. Affonso IV.

CONSTANTINO. II. — 28. D. Constantino de Bragança. Vice-Rei da India, onde muito se assignalou pela sua bravura, e magnanimidade.

CORREA. I. 48. — D. Pero Payo Correa. Esforçadissimo Capitão, Mestre da Ordem de S. Thiago.

CORREA. II. 60. — Salvador Correa de Sá. Valente Capitão que expulsou do Reino de Angola os Hollandezes.

CORTE-REAL. II. 20. — Jeronymo Corte-Real. Poeta epico.

COSTA. II. 92. — Bartholomeu da Costa. Engenheiro sob cuja direcção se fundiu a estatua equestre do Sr. Rei D. José.

COUTINHO. II. 28. — D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo, Vice-Rei da India.

COUTINHOS. II. 103. — Hum foi D. Vasco Coutinho, Conde de Borba; outro D. Francisco; ambos esforçados Capitães.

COUTO. II. 48. — Diogo do Couto. Historiador.

CUNHA. II. 9. — Nuno da Cunha. Famoso Governador da India.

- DINIZ. I. 56. — O Sr. D. Diniz. 6.<sup>o</sup> Rei. *N.* 1261. *A.* 1279. *F.* 1325.
- DUARTE. I. 80. — O Sr. D. Duarte, 11.<sup>o</sup> Rei. *N.* 1391. *A.* 1433. *F.* 1438.
- DULCE. I. 37. — A Sr.<sup>a</sup> D. Dulce, Esposa do Sr. Rei D. Sancho I.
- EANNES. I. 78. — Gil Eannes. O primeiro navegador que dobrou o Cabo Bojador.
- ELPINO. II. 89. — Nome Arcadico do Desembargador Antonio Diniz da Cruz. Insigne Poeta lyrico, e satyrico.
- FARIA. I. 69. — Nuno Gonçalves de Faria, Alcaide-Mór de Castello de Faria.
- FARIA. II. 48. — Manoel Severim de Faria. Chantre da Sé d'Evora. Erudito antiquario, e elegante escriptor.
- FERNANDES. I. 54. — Valoroso Capitão no reinado do Sr. D. Affonso III.
- FERNANDO. I. 67. — O Sr. D. Fernando I, 9.<sup>o</sup> Rei *N.* 1345. *A.* 1367. *F.* 1383.
- FERNANDO. I. 80. — O Infante D. Fernando por cognomento o Santo, filho do Sr. D. João I.
- FERREIRA. II. 18. — Antonio Ferreira. Illustre Poeta.
- FIGUEIROA. II. 59. — Valente Official que se distinguio na guerra contra os Hollandezes no Brazil.
- FILIPPA. I. 79. — A Sr.<sup>a</sup> D. Filippa, Esposa do Sr. Rei D. João I.
- FILIPPES. II. 45. — Os Srs. D. Philippe I, D. Philippe II, e D. Philippe III, Reis intrusos de Portugal.
- FOREIRO. II. 33. — Fr. Francisco Foreiro. Insigne Theologo Dominicano.
- FRANCISCA DE NEMOURS. II. 69. — A Sr.<sup>a</sup> D. Maria Francisca Isabel de Nemours, Esposa do Sr. D. Affonso VI, e depois de divorciada delle, casada com o Principe D. Pedro, irmão do Monarcha deposto.

**FREITAS.** — I. 47. Martim de Freitas, Alcaide-Mór de Coimbra. Famoso pela fidelidade que guardou ao Sr. D. Sancho II.

**GALVÃO.** — I. 95. Duarte Galvão. Chronista do Reino.

**GRUVÃO.** — II. 9. Antonio Galvão. Illustre pelo seu valor, e desambição. Governador das Molucas.

**GAMA.** — I. 103. D. Vasco da Gama, 1.<sup>o</sup> Conde da Vidigueira. Descobridor da India.

**GARÇÃO.** — II. 90. Pedro Antonio Correa Garção. Poeta elegants e de apurado gosto.

**GIRALDO SEMPAVOR.** — I. 32. Tomou Evora aos Mouros por enterpreza.

**GODINHO.** — I. 23. O Beato Godinho, Arcebispo de Braga.

**GONÇALO.** — I. 32. Gonçalo da Maia. Valente guerreiro appellidado o *Lidador*.

**GOUVEAS.** — II. 36. Hum foi António de Gouvea, outro Diogo de Gouvea; ambos admirados e applaudidos em França pela sua erudição.

**HEITOR.** — II. 37. Fr. Heitor Pinto, Monge de S. Jeronymo. Elegante escriptor moralista, e douto expositor.

**HENRIQUE.** — I. 18. O Conde D. Henrique. Augusto tronco dos Srs. Reis de Portugal.

**HENRIQUE.** — I. 73. O Infante D. Henrique, esclarecido promotor dos grandes descubrimentos maritimos.

**HENRIQUE.** — II. 38. O Sr. Cardeal D. Henrique, 17.<sup>o</sup> Rei. *N.* 1512. *A.* 1578. *F.* 1580.

**HORTA.** — II. 36. Garcia de Horta. Celebre naturalista, que escreveu sobre os simplices e drogas do Oriente.

**IGNEZ.** — *Vide* Castro.

**ISABEL.** — I. 58. Santa Isabel. Esposa do Sr. Rei D. Diniz.

ISABEL. I. 84. — A Sr.<sup>a</sup> D. Isabel, Mulher do Sr. Rei D. Affonso V.

ISABEL. I. 110. — A Sr.<sup>a</sup> D. Isabel, 1.<sup>a</sup> Esposa do Sr. Rei D. Manoel.

JAQUES. II. 64. — Pedro Jaques, de Magalhães. Hum dos heroes da guerra da acclamação.

JAYME. I. 105. — Dom Jayme Duque de Bragança, Conquistador de Azamor.

JOANNA. I. 88. — A Princeza D. Joanna, herdeira da corôa de Castella; que esteve desposada com o Sr. Rei D. Affonso V.

JOANNA. I. — 88. Santa Joanna. Infanta, Filha do Sr. Rei D. Affonso V.

JOÃO. I. 71. — O Sr. D. João I, 10.<sup>o</sup> Rei. *N.* 1357. *A.* 1385. *F.* 1433.

JOÃO. I. 91. — O Sr. D. João II, 13.<sup>o</sup> Rei. *N.* 1455. *A.* 1481. *F.* 1495.

JOÃO. II. 4. — O Sr. D. João III, 15.<sup>o</sup> Rei. *N.* 1502. *A.* 1521. *F.* 1557.

JOÃO. II. 50. — O Sr. D. João IV, 21.<sup>o</sup> Rei. *N.* 1604. *A.* 1640. *F.* 1656.

JOÃO. II. 76. — O Sr. D. João V, 24.<sup>o</sup> Rei. *N.* 1689. *A.* 1706. *F.* 1750.

JOÃO. II. 99. e 117. — O Sr. D. João VI, 27.<sup>o</sup> Rei. *N.* 1767. *A.* 1816. *F.* 1826.

JOÃO. II. 25. — O Principe D. João Filho do Sr. Rei D. João III.

JOSE' II. 82. — O Sr. D. José I, 25.<sup>o</sup> Rei. *N.* 1714. *A.* 1750. *F.* 1777.

JOSE' II. 99. — O Principe D. José, filho da Sr.<sup>a</sup> Rainha D. Maria I e do Sr. D. Pedro III.

LAFÕES. II. 95. — O Duque de Lafões, D. João de Bragança, fund. da Acad. Real das Sciencias de Lisboa.

LEONOR. I. 70. — A Sr.<sup>a</sup> Leonor, Esposa do Sr. Rei D. Fernando.

LEONOR. I. 82. — A Sr.<sup>a</sup> D. Leonor. Mulher do Sr. Rei D. Duarte.

LEONOR. I. 97. — A Sr.<sup>a</sup> D. Leonor, Esposa do Sr. Rei D. João II.

LEONOR. I. 112. — A Sr.<sup>a</sup> D. Leonor, 3.<sup>a</sup> Mulher do Sr. Rei D. Manoel.

LIMA. II. 9. — D. Manoel de Lima, esforçado guerreiro na India.

LIVIO (o Luso). II. 12. — He assim cognominado o insigne historiador João de Barros.

LOBO. II. 116. — D. Joaquim Lobo, conde de Oriola, hum dos Plenip. de Portugal no congresso de Vienna.

LUIZ. II. 10. — O Infante D. Luiz, filho do Sr. Rei D. Manoel.

LUIZA. II. 52. — A Sr.<sup>a</sup> D. Luiza, Esposa do Sr. Rei D. João IV.

MACHADO. II. 93. — Joaquim Machado de Castro, insigne estatuario, auctor da estatua equestre do Sr. Rei D. José.

MAFALDA. I. — 27. A Sr.<sup>a</sup> D. Mafalda, Esposa do Sr. Rei D. Affonso Henriques.

MAFALDA. I. 34. — A Beata Mafalda, Filha do Sr. Rei D. Sancho I.

MANOEL. I. 98. — O Sr. D. Manoel, 14.<sup>o</sup> Rei. *N.* 1469. *A.* 1495. *F.* 1521.

MARIA. II. 95. — A Sr.<sup>a</sup> D. Maria I, Rainha reinante. *N.* 1734. *A.* 1777. *F.* 1816.

MARIA. I. 111. — A Sr.<sup>a</sup> D. Maria, segunda Mulher do Sr. Rei D. Manoel.

MARIA. I. 108. — A Infanta D. Maria, Filha do Sr. Rei D. Manoel.

MARIANNA. II. 81. — A Sr.<sup>a</sup> D. Marianna d'Austria, Esposa do Sr. Rei D. João V.

MARIANNA VICTORIA. II. 94. — Esposa do Sr. Rei D. José.

**MARTYRES.** II. 34. — D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, Arcebispo de Braga, sabio e exemplarissimo Prelado.

**MASCARENHAS.** II. 9. — D. João de Mascarenhas, que se immortalizou no segundo cerco de Dio.

**MATHILDE.** I. 51. — Condessa de Bolonha, 1.<sup>a</sup> Esposa do Sr. Rei D. Affonso III.

**MELLO.** II. 102. — Martinho de Mello, Ministro dos Negocios da Marinha e Ultramar, na regencia do Sr. D. João VI.

**MENEZES.** II. 9. — D. Henrique de Menezes, Valeroso Governador da India.

**MENEZES.** II. 64. — D. Antonio Luiz de Menezes. Marquez de Marialva, vencedor dos Castelhanos nas linhas d'Elvas, e em Montes Claros.

**MIRANDA.** II. 17. — Sá de Miranda. Poeta de grande merecimento.

**MONIZ.** I. 28. — Egas Moniz, aio do Sr. D. Affonso Henriques, por quem voluntariamente se expoz á morte com sua mulher e seus filhos.

**MONIZ.** I. 30. — Martim Moniz. Heroe que se sacrificou pela patria na tomado do Castello de Lisboa aos Mouros.

**NORONHA.** II. 28. — D. Antão de Noronha. Governador da India.

**NUNES.** II. 36. — O Doutor Pedro Nunes. Insigne mathematico.

**NUNO.** Vide — **PEREIRA.**

**OSORIO.** II. 11. — D. Jeronymo Osorio, Bispo de Silves. Celebre historiador e humanista.

**PACHECO.** I. 47. — Fernão Rodrigues Pacheco, Alcaide Mor de Celorico. Illustre pela sua fidelidade ao Sr. D. Sancho II.

**PACHECO.** I. 104. — Duarte Pacheco Pereira. Vencedor do Rei de Calecut, defendendo Cochim, e hum dos maiores guerreiros do seu tempo.

PAES. I. 69. — Gil Paes, Alcaide Mor de Torres Novas, illustre pela sua fidelidade e valor no reinado do Sr. D. Fernando.

PAIVA. II. 33. — Diogo de Paiva de Andrade. Famoso theologo e grande orador.

PEDRO. I. 65. — O Sr. D. Pedro I, 8.º Rei. *N.* 1320. *A.* 1357. *F.* 1367.

PEDRO. II. 70. — O Sr. D. Pedro II, 23.º Rei. *N.* 1648. *A.* 1667. *F.* 1706.

PEDRO. II. 98. — O Sr. D. Pedro III, Esposo da Sr.<sup>a</sup> Rainha D. Maria I.

PEDRO. I. 83. — O Infante D. Pedro, Regente na menoridade do Sr. Rei D. Affonso V.

PEREIRA. I. 72. — D. Nuno Alvares Pereira. O Condestavel; hum dos maiores heroes Portuguezes.

PERESTRELLO. I. 78. — Bartholomeo Perestrello. Descubridor da Ilha de Porto Santo.

PINA. I. 96. — Ruy de Pina. Chronista do Reino.

PINTO. II. 37. — Fernão Mendes Pinto. Diligente e curioso narrador de suas proprias peregrinações.

PIRES. II. 9. — Lourenço Pires de Tavora. Valoroso capitão e habil diplomatico.

REZENDE. I. 95. — Garcia de Rezende. Chronista e poeta.

RIBEIRO. II. 55. — João Pinto Ribeiro. Jurisconsulto, que muito concorreu para a acclamação do Sr. D. João IV, cujo secretario era.

ROLIM. II. 9. — Pedro Barreto Rolim. Esforçado capitão na India.

ROUPINHO. I. 29. — Esforçado capitão, a quem antigas tradições attribuem grandes façanhas por terra e por mar.

SALDANHA. II. 9. — Antonio de Saldanha. Valente capitão, que se assignalou na Asia, e na jornada de Tunes.

**SALDANHA.** II. 116. — Antonio de Saldanha, Conde de Porto Santo, hum dos tres Plenipotenciarios Portuguezes no Congresso de Vienna.

**SANCHA.** I. 34. — A Beata Sancha, Filha do Sr. Rei D. Sancho I.

**SANCHO.** I. 33. — O Sr. D. Sancho I, 2.<sup>o</sup> Rei. *N.* 1154. *A.* 1185. *F.* 1211.

**SANCHO.** I. 46. — O Sr. D. Sancho II, 4.<sup>o</sup> Rei. *N.* 1202. *A.* 1223. *F.* 1248.

**SANCHO.** II. 64. — D. Sancho Manoel de Vilhena, Conde de Villa Flor. Hum dos maiores heroes da guerra da aclamação.

**SEBASTIÃO.** II. 27. — O Sr. D. Sebastião, 16.<sup>o</sup> Rei. *N.* 1554. *A.* 1557. *F.* 1578.

**SILVEIRAS.** II. 9. — Hum he Heitor da Silveira, expugnador de Baçaim; outro he Antonio da Silveira, defensor de Dio.

**SOPHIA.** II. 73. — A Sr.<sup>a</sup> D. Sophia de Neuburgo, 2.<sup>a</sup> Esposa do Sr. Rei D. Pedro II.

**SOUSA.** II. 9. — Martim Affonso de Sousa. Famoso no Brazil e na India.

**SOUSA.** II. 116. — D. Pedro de Sousa e Holstein, Conde, Marquez, e Duque de Palmella, e o 1.<sup>o</sup> dos tres Plenipotenciarios de Portugal no Congresso de Vienna.

**SUEIRO.** I. 39. — Dom Sueiro, Bispo de Lisboa.

**TAREJA.** I. 18. — A Sr.<sup>a</sup> D. Tareja ou Thereza, Esposa do Conde D. Henrique.

**TAVORA.** I. 95. — Martim de Tavora. Esforçado guerreiro na Africa.

**TEIXEIRA.** I. 78. — Tristão Vaz Teixeira. Hum dos descobridores da ilha da Madeira.

**THEODOSIO.** II. 62. — O Principe D. Theodosio, Filho do Sr. Rei D. João IV.

**THEOTONIO.** I. 31. — São Theotonio, 1.<sup>o</sup> Prior do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

**THEREZA.** II. 34. — S. Thereza, Rainha de Leão, Filha do Sr. Rei D. Sancho I.

**TRISTÃO.** I. 107. — Tristão da Cunha. Fidalgo muito valoroso e embaixador do Sr. Rei. D. Manoel a Roma.

**URRACA.** I. 43. — A Sr.<sup>a</sup> D. Urraca, Esposa do Sr. D. Affonso II.

**VASCONCELLOS.** II. 64. — Joanne Mendes de Vasconcellos. Hum dos heroes da guerra da aclamação.

**VAZ.** II. 36. — Pedro Vaz Castello — Medico, Lente na Universidade de Tolosa.

**VELLEZ.** II. 36. — O Padre Antonio Vellez, Jesuita, que poz em versos latinos as regras da Grammatica do Padre Manoel Alvares.

**VIDIGAL.** II. 59. — Destemido guerreiro contra os Hollandezes em Pernambuco.

**VIEIRA.** II. 5. — O Padre Antonio Vieira, Jesuita. Eloquentor orador, o 1.<sup>o</sup> entre os nossos classicos.

**VIEIRA.** II. 58. — João Fernandes Vieira. Restaurador de Pernambuco.

**VILHENA.** II. 52. — D. Filippa de Vilhena. Valorosa Dama que armou seus filhos e os exhortou varonilmente na manhã do dia da aclamação do Sr. D. João IV.

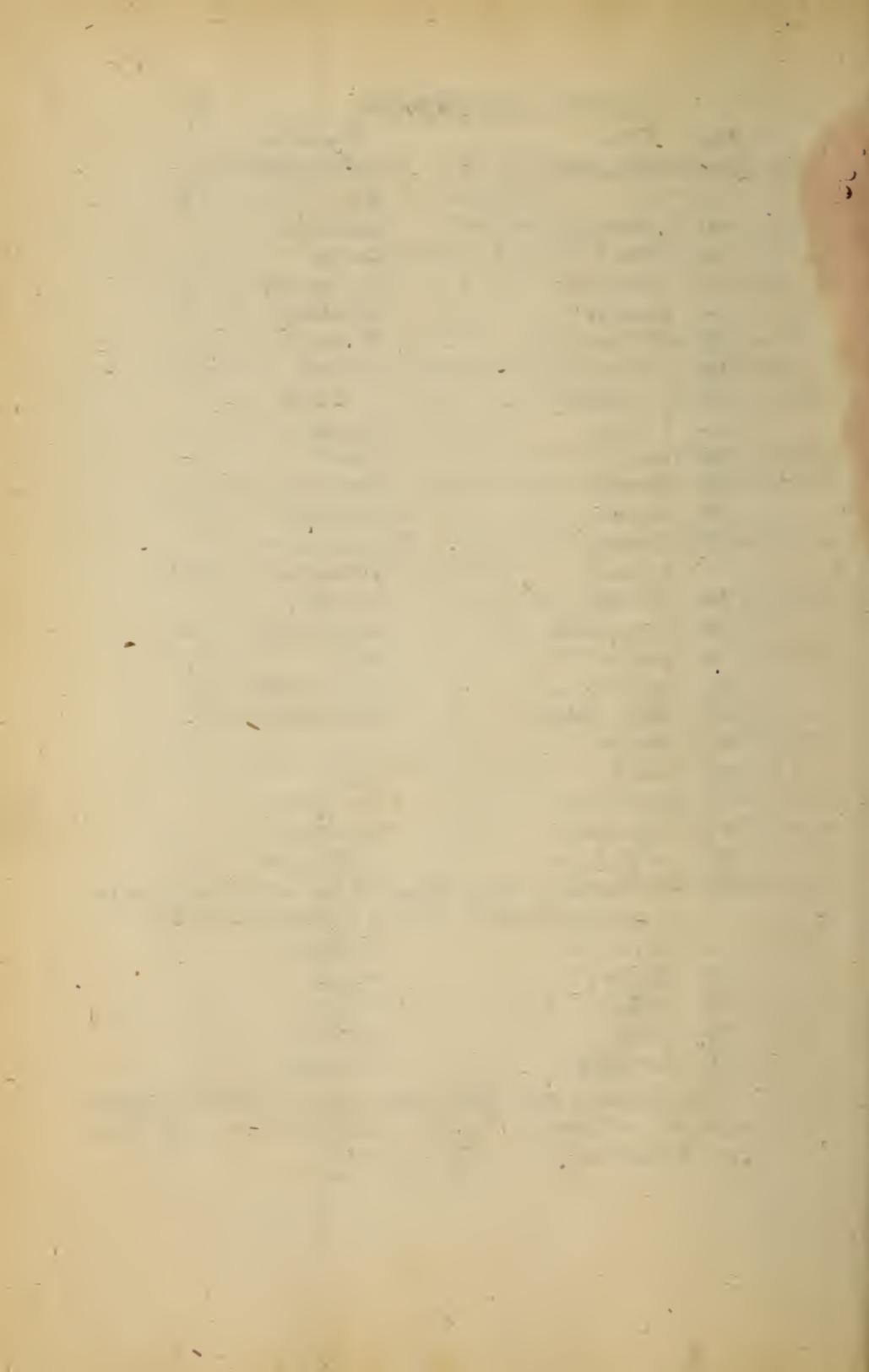
**VIRIATO.** I. 4. — Capitão Lusitano, que defendeu por muitos annos a independencia da patria contra os Romanos.

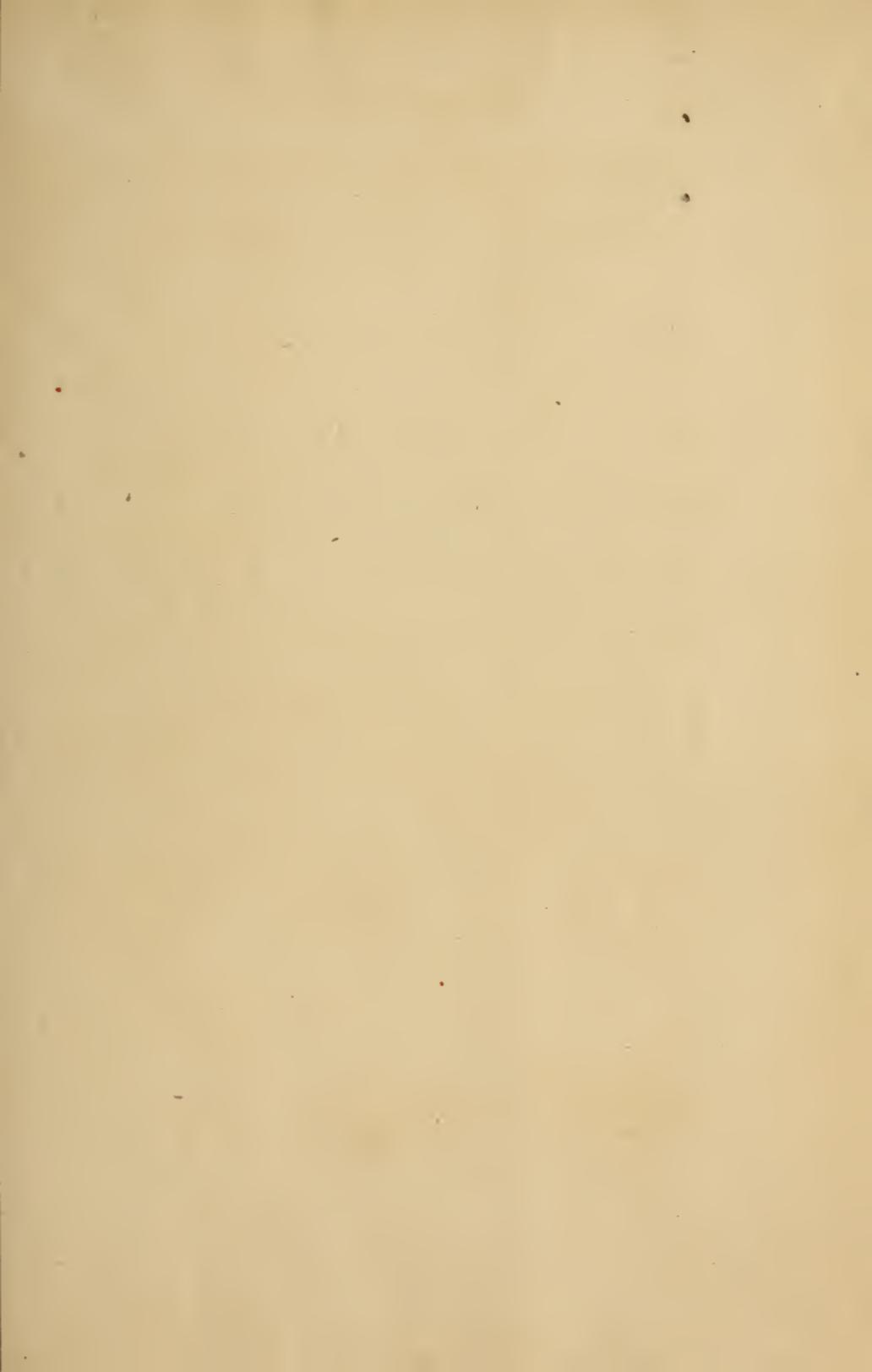
**ZARCO.** I. 78. — João Gonçalves Zarco. Hum dos descobridores da ilha da Madeira.

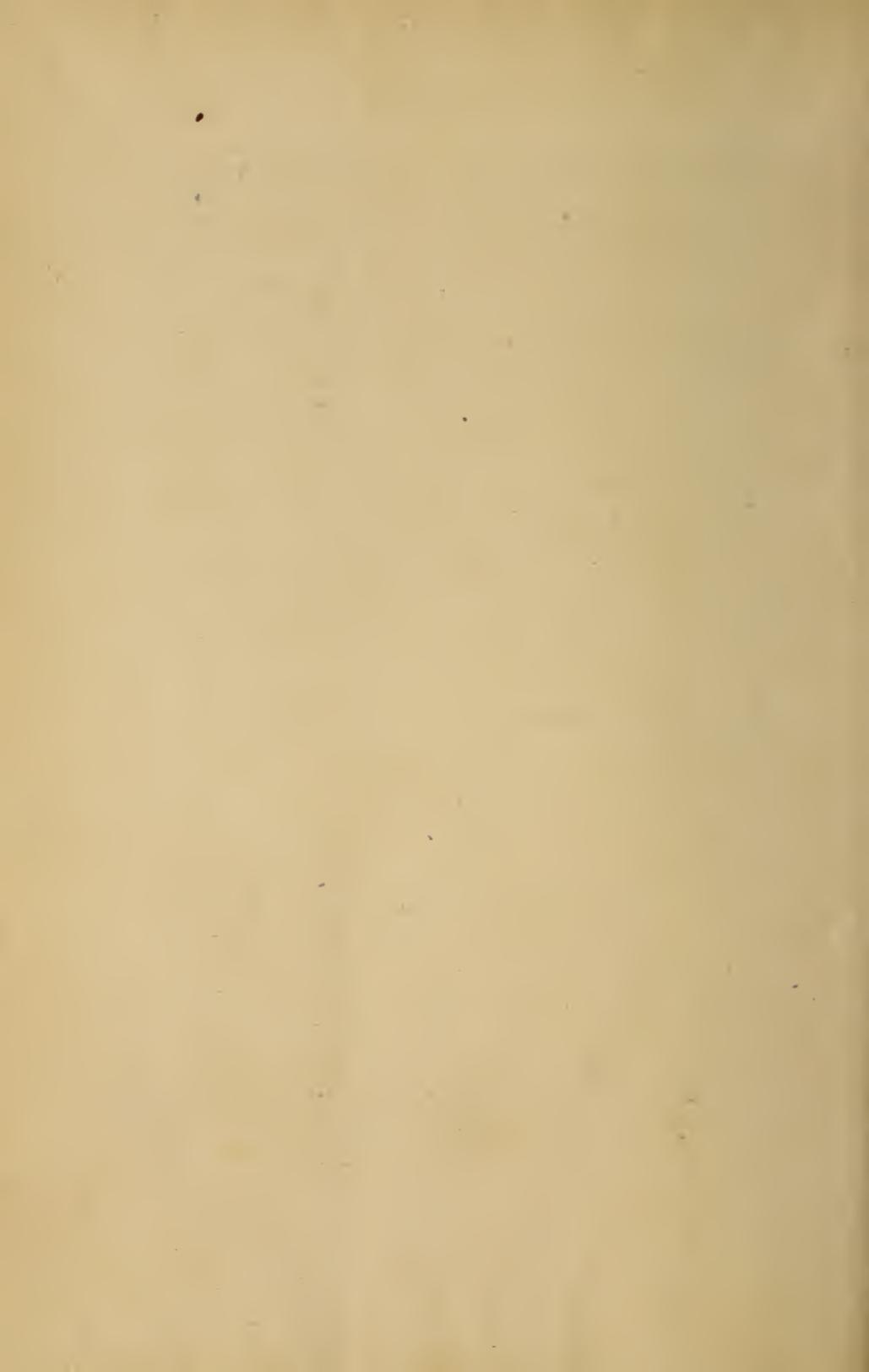
## ERRATA.

<i>Pag.</i>	<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
iv	esduxulos	esdruxulos
5	La	Lá
6	aperbece	apercebe
»	Cruz	Cruz,
7	vituperio	vituperio,
»	plantar	plantar,
12	Trina	Trina.
16	exita	excita
18	e affecto	o affecto
25	Lybia	Libya
26	vós	voz
27	floreas	floreaes
36	ingente	ingente.
37	froctos	fructos
»	franceza	Franceza
38	Leonor	Leonor,
44	maravilha.	maravilha
»	praça	praia
45	mimoso na	mimoso da
47	Bem quisto	Bemquistos
49	Deus	teus
52	tanto,	tanto
55	inamines	inanimés
57	negrume	negrume,
61	as Batavas	ás Batavas
69	<i>De tantos, e taes, reos extremo exicio</i>	De tantos e taes reos no extremo exicio
70	Borbonio	Borbonico
72	torpor	torpor,
76	treme	freme
79	Ilion	Albion
81	Eryunis	Erinnys

No Indice a pag. 86, depois da 10.<sup>a</sup> linha, accrescente-se — CASTRO. II. 47 — Gabriel Pereira de Castro, Jurisconsulto e insigne poeta.











Deacidified using the Bookkeeper process  
Neutralizing agent: Magnesium Oxide  
Treatment Date: Nov. 2008

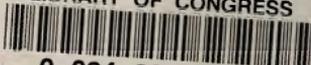
**Preservation Technologies**

A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION

111 Thomson Park Drive  
Cranberry Township, PA 16066  
(724) 779-2111



LIBRARY OF CONGRESS



0 024 296 713 6

